

# O LEGADO DE EDGAR ALLAN POE

CONTOS E POEMAS INSPIRADOS EM SUA OBRA



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

# O LEGADO DE EDGAR ALLAN POE

CONTOS E POEMAS INSPIRADOS EM SUA OBRA

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2020

Patrocínio:

[www.edgarallanpoe.com.br](http://www.edgarallanpoe.com.br)

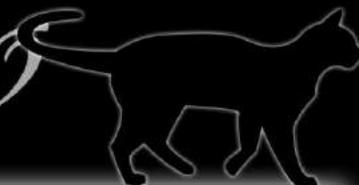
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

# Sumário



CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS E POEMAS

**Introdução:** Por Ademir Pascale, pág. 04  
**Conto:** Vende-se mansão, por Simone Fontarigo, pág. 05  
**Poema:** O Retrato Oval, por Cleber Gimenes Freitas, pág. 11  
**Conto:** O Murmúrio do Vento na Floresta de Bambu, por Roberto Schima, pág. 14  
**Conto:** Durvalina, por Fernando Antonio Prado Gimenez, pág. 26  
**Conto:** A Casa de Janela Estreita, por Cida Simka e Sérgio Simka, pág. 30  
**Poema:** Corpo, por Igor Moraes, pág. 33  
**Conto:** Demolição, por Adnelson Campos, pág. 35  
**Conto:** Virgínia e Eu, por Míriam Santiago, pág. 40  
**Poema:** Never more!, por Guilherme Esmanhotto, pág. 45  
**Conto:** O Espelho Amargo, por Maria de Fátima Moreira Sampaio, pág. 47  
**Poema:** A Visita, por Bianca Carvalho, pág. 53  
**Conto:** Quando Poe Apareceu, por Pablo Kaschner, pág. 55  
**Poema:** O Enterro, por David Ehrlich, pág. 59  
**Conto:** Caça às Bruxas, por Rodrigo Ortiz Vinholo, pág. 62  
**Poema:** Devaneio?, por Henrique Cananosque Neto, pág. 67  
**Poema:** Tempo é o que tens de melhor, por Anael Santalucia, pág. 69  
**Conto:** O Voo das Moscas, por César Ribeiro, pág. 71  
**Poema:** Memórias Sepulcrais, por Marcus Hemerly, pág. 77  
**Poema:** Nas Sombras de Sintra, por Susana Geadas, pág. 79  
**Conto:** Os Dentes Para Berenice, por Tito Prates, pág. 82  
**Galeria de Arte:** por Ademir Pascale, pág. 90  
**Menção Honrosa,** pág. 97

**Organização, capa, arte e diagramação:** Ademir Pascale  
E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

VISITE:

[www.edgarallanpoe.com.br](http://www.edgarallanpoe.com.br)  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

[www.facebook.com/posesclub](http://www.facebook.com/posesclub) e [www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura)



# INTRODUÇÃO

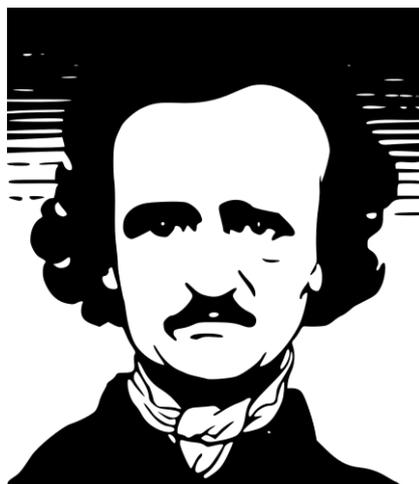
Falar de Edgar Allan Poe é como falar de um mito que, pelo menos para esse que escreve essas linhas, foi e ainda é o escritor número 1. Sempre digo que a melhor história de Poe foi a sua própria história. Um jovem apaixonado, sonhador e cheio de problemas. Morreu jovem, com apenas 40 anos, talvez por amar demais e por não ser correspondido, pelas inúmeras perdas desde a infância, pela falta de dinheiro e por tentar alcançar a fama, algo que não teve muito êxito, pelo menos em vida. Quando li o primeiro texto de Edgar Allan Poe, tive que saber mais sobre o criador daquela história. Pesquisei por anos, estudei, escrevi e organizei livros físicos e digitais (Poe 200 Anos; Nevermore - Contos inspirados em Edgar Allan Poe e o romance O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe), também fiz e administro o site [www.edgarallanpoe.com.br](http://www.edgarallanpoe.com.br) e a fanpage [www.facebook.com/poesclub](http://www.facebook.com/poesclub). E para adentrar mais ainda na pesquisa sobre a vida do Poe, cheguei até a trocar algumas palavras com um dos seus descendentes indiretos (indireto porque Edgar Allan Poe não teve filhos), seu nome é Harry Lee Poe.

Agora o leitor poderá conferir 20 excelentes textos entre contos e poemas inspirados na obra e também na vida de Edgar Allan Poe. São autores também apaixonados pelo criador de O Gato Preto e de O Corvo. E nas últimas páginas, uma galeria de arte que fiz inspirada nos contos de Edgar Allan Poe, elaboradas com montagens de fotos, efeitos, etc.

Espero que curtam essa obra, assim como eu curti organizá-la.

Tenham uma ótima leitura!

**Ademir Pascale - Escritor e Editor**  
[www.edgarallanpoe.com.br](http://www.edgarallanpoe.com.br)  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



CONTO

# *Vende-se Mansão*

POR SIMONE FONTARIGO

**Simone Fontarigo é jornalista e escritora, com poesias e contos publicados em diversas antologias no Brasil e em Portugal. Nascida e criada no Rio de Janeiro, é casada e tem um filho.**



A viagem havia sido longa e desconfortável. Passar dois dias e duas noites em estradas empoeiradas e mal iluminadas não era tarefa fácil para um homem que já havia passado dos 60, como Robson Morris. Finalmente havia chegado à pequena Gallup, no Novo México, para onde fora enviado para fazer um serviço de despachante.

O senhor Joseph Brown, que já havia sido um próspero comerciante, estava falido e acabara de vender sua enorme propriedade no campo, onde sua família morava há muitas gerações, para uma família de uma cidade vizinha, que contratara a firma onde Morris trabalhava para cuidar da papelada da venda.

Morris parou em frente ao grande portão e retirou a placa onde se lia “Vende-se mansão”. Entrou e começou a caminhar pelo enorme caminho de pedras, cercado por grandes árvores sinuosas, que levava até o fundo do terreno, onde ficava a mansão. Já passava das cinco horas da tarde e começava a escurecer. Ele não tinha certeza, mas teve a impressão de que dois corvos que estavam pousados em uma das árvores o observavam desde que passara pelo portão.

A porta da mansão estava entreaberta e ele entrou. Ficou parado no hall da enorme sala, observando o local: grandes lustres com velas pendiam do teto, colunas gregas com gravuras de animais formavam um corredor que dava para a ala sul. Os tapetes cor de vinho, combinando com as grossas cortinas, davam um ar pesado ao ambiente. E os móveis cobertos por grandes lençóis brancos davam uma aparência sinistra ao local. “Que lugar esquisito”, ele pensou.

— Boa noite, senhor Morris. Fez boa viagem?

A voz da mulher o pegou desprevenido e ele deu um pulo para trás.

— Desculpe assustá-lo, não foi minha intenção. Sou a senhora Davis, a governanta. Permita-me acompanhá-lo até o seu quarto.

Morris a seguiu, sem responder a sua pergunta. Havia lhe informado que a casa estaria vazia, e a chave debaixo do tapete da porta da frente, por isso não esperava encontrar ninguém lá dentro.

— E os novos moradores, ainda não chegaram?

— Não senhor, eles chegarão apenas amanhã. Esta noite estaremos somente nós dois aqui — ela disse, saindo e fechando a porta atrás de si.

Morris colocou sua mala em cima de uma pequena mesa que ficava no canto do quarto e jogou-se na cama. Estava exausto e chateado por ter sido escolhido pela firma para trabalhar naquele fim de mundo. Deitado de barriga para cima, observou que havia marcas escuras no teto, que não conseguia identificar o que eram. Em poucos minutos dormia um sono profundo.

— Senhor Morris. Senhor Morris!!

— O que foi?! — ele deu um pulo da cama quando viu a governanta debruçada sobre ele. Só então pôde perceber que ela possuía um forte estrabismo, fazendo com que ele não soubesse exatamente para onde ela estava olhando.

— Seu jantar está pronto — ela disse e saiu do quarto. Morris tentou acompanhar seus passos se afastando, mas apesar de a velha madeira ranger quando ele andava sobre ela, a senhora Davis não fazia nenhum barulho ao caminhar.

Ele lavou o rosto e encaminhou-se para a cozinha, onde jantou sozinho. Depois, voltou para o quarto, tomou um banho e deitou-se para dormir.

No meio da noite, porém, acordou de sobressalto. Teve a impressão de que estavam batendo na janela. Apertou os olhos, tentando enxergar na escuridão, mas não viu nada. Sentou-se na cama e acendeu a vela que ficava na mesinha de cabeceira, confirmando que não havia ninguém ali. Sentiu um pequeno desconforto ao lembrar-se de que estava em uma cidade desconhecida, em uma mansão que ficava no meio do nada, tendo por companhia uma velha que ele não conseguia saber para onde estava olhando.

Voltou a se deitar e seus olhos de novo se depararam com a mancha escura no teto, bem em cima da sua cama. Com a claridade trepidante da luz da vela, a mancha parecia ganhar outros formatos e ele teve a impressão de que estavam se transformando em um rosto. “Você está muito velho para ficar imaginando coisas”, disse a si mesmo. Ele apagou a vela e cobriu a cabeça com o cobertor. “Maldita hora que aceitei esse trabalho”, pensou.

Tentou voltar a dormir, mas não conseguiu. Começou a prestar atenção ao barulho que entrava pela janela, vindo do lado de fora do quarto. O chirriar das corujas, que lembrava gritos de crianças; o crocitar dos corvos, que pareciam estar bem perto, no parapeito da

janela; o barulho fino e arrepiante do vento soprando entre as árvores seculares. O medo que começava a sentir amplificava os barulhos e instigava ainda mais sua imaginação.

A noite durou uma eternidade e quando os primeiros raios de sol começaram a entrar pela pequena fresta entre as pesadas cortinas escuras, Morris pulou da cama e jurou não passar nem mais uma noite ali. Felizmente os novos moradores logo chegariam para assinar os papéis e ele poderia voltar para casa.

A mesa do café já estava posta quando ele chegou à grande e gelada cozinha, mas não havia sinal da senhora Davis. “Ela deve ter ido ao mercado”, ele pensou. Ele não tinha certeza se se sentia melhor na presença dela ou sozinho naquela mansão. Ainda estava sob as impressões da noite anterior e começou a ter a sensação de que a cozinha ficava cada vez mais fria, apesar de todas as janelas da casa estarem fechadas.

— Bom dia, senhor Morris.

Morris deu um grito e levou a mão ao coração. Não tinha ouvido a mulher se aproximar, ela sempre parecia surgir do nada.

— Desculpe, eu não quis assustá-lo.

— Parece que já passamos por essa situação — respondeu tentando sorrir, apesar da irritação por estar começando a parecer um medroso.

— Fui comprar algo para o jantar, pois os novos proprietários tiveram um contratempo e só chegarão amanhã de manhã.

Ela começou a guardar as compras, e Morris notou que havia algumas feridas em seu braço parcialmente coberto pela manga comprida da blusa. Ele já havia notado essas mesmas feridas em seu pescoço, apesar de ela usar golas altas o tempo todo.

— Mas que transtorno, contava em poder voltar hoje para casa. Bom, vou para o meu quarto ler um livro.

Voltou para o seu quarto contrariado e pegou o livro que trouxera para ler durante a viagem, mas não conseguiu se concentrar. Por mais que se agasalhasse, sentia que o quarto ficava cada vez mais frio. E não conseguia livrar-se da sensação de que o espiavam por entre as frestas da cortina.

O dia passou vagaroso e a noite chegou trazendo uma chuva fina que fazia com que o barulho do vento entre as árvores causasse arrepios na espinha de Morris. Ele foi se deitar cedo, logo depois de jantar sozinho na cozinha gelada.

Mas conseguiu dormir apenas algumas horas. Acordou sobressaltado e continuava com a impressão de que havia alguém na janela. Podia ouvir os corvos e sabia que eles estavam ali. Fechou os olhos e começou a rezar. Porém, mal havia terminado, sentiu gotas geladas pingarem em sua testa. Ele acendeu a vela e olhou para cima. A mancha negra estava maior agora e ele teve certeza de que o que pingara em sua testa era sangue. Através da claridade trêmula da vela, podia agora ver claramente o rosto de um homem se formando.

“O que eu faço? O que eu faço?” — Ele se perguntava, enquanto ouvia os corvos debaterem-se contra a janela do quarto. O vento soprava ainda com mais intensidade e galhos de árvores batiam tão forte na janela que pareciam quererem quebrá-la.

Com os sentidos desordenados pelo medo, Morris levantou-se, juntou suas coisas e saiu correndo pelo corredor escuro, levando sua mala em uma mão e a vela na outra. Abriu a porta da mansão e continuou correndo pelo caminho ladeado pelas grandes árvores. Tinha certeza de que os corvos o observavam e riam dele, fazendo barulhos tão altos que feriam seus ouvidos.

No dia seguinte, quando os novos proprietários chegaram à mansão, não entenderam porque a porta estava aberta e não havia sinal do despachante, a não ser pela cama desarrumada em um dos quartos, indicando que alguém havia dormido ali. O homem olhou para cima e, chateado, comentou com a esposa:

— Esse mofo no teto está maior do que da última vez em que estivemos aqui. Agora está até com goteira, o coitado do despachante deve ter passado a noite toda com essa água pingando em sua testa. Não me admira ter ido embora. Bom, vou ligar para a firma e pedir para mandarem outra pessoa.

Dentro do veículo que o levava de volta para casa, Morris não dava uma palavra. Sua mente, porém, fervilhava. O que realmente teria acontecido naquela mansão? Será que ele havia deixado sua imaginação tomar conta dele? Era, no fim das contas, um medroso que se deixara impressionar por barulhos a que não estava acostumado?

Ao parar para almoçar em uma pequena estalagem, Morris comprou o jornal local para se distrair durante a longa viagem de volta. Porém, uma matéria publicada na primeira página

gelou o seu sangue: *“Foi enterrado ontem o corpo da ex-governanta da família Brown, Susan Davis, de 67 anos, encontrada morta na semana passada debaixo de uma das árvores da mansão. A causa da morte é desconhecida, porém a grande quantidade de feridas nos braços e no pescoço causadas por bicadas de corvos chamaram a atenção dos legistas.”*

Morris deixou cair o jornal e começou a correr em direção à saída, parando logo depois de atravessar a porta da estalagem, ao avistar dois corvos que acabavam de pousar em seu veículo.



**POEMA**

# *O Retrato Oval*

**(EM VERSOS)**

**POR CLEBER GIMENES FREITAS**

**Cleber Gimenes Freitas é graduado em Letras e Filosofia.  
Atualmente é professor da rede municipal de São Paulo.**



Perdidos na noite escura,  
íamos os dois, lado a lado,  
por uma lamacenta rua,  
eu e o meu fiel criado.

Eu andava com dificuldade,  
amparado pelo meu parceiro,  
depois de duelar na cidade  
e sair ferido do tiroteio.

A chuva chegou de repente,  
atrapalhando a nossa visão.  
Até que nos vimos de frente  
Com um antigo casarão.

O local estava abandonado,  
mas a porta estava trancada.  
E com um golpe bem calculado,  
o criado facilitou nossa entrada.

Explorei os cômodos da casa,  
iluminando com um castiçal,  
quando vi na parede da sala,  
pendurado um retrato oval.

O que eu vi naquela pintura  
deixou-me bem incomodado:  
uma moça de beleza tão pura,  
mas com um olhar perturbado.

O sangue corria em minha blusa  
e acreditei estar delirante.  
O retrato revelava uma Deusa!  
E um belo olhar inquietante...

Fiquei diante do retrato oval  
por mais ou menos uma hora,  
procurando o que havia de mal  
no conjunto daquela obra.

Pouco depois, descobri um livro  
com uma história repleta de dor.  
De lembrar fico tenso e lhes digo:  
era um relato triste do autor.

O livro falava da sonhadora modelo,

que era alvo de um grande amor,  
e acabou vivendo um pesadelo  
por causa da vaidade do pintor.

O artista a amava de verdade,  
mas ela não era a principal.  
Ele amava mais a sua arte,  
cujo ápice era o retrato oval.

E conforme ele ia pintando,  
com uma dedicação sem igual,  
a bela jovem ia definhando  
de um jeito sobrenatural.

E o pintor, a cada pincelada,  
da jovem tirava um bocado  
de sua vida, que era sugada  
por aquele artista obcecado.

E, passo a passo até o final,  
a vida da jovem se extinguia,  
passando para o retrato oval  
tudo aquilo que nela existia.

Cego, o artista prosseguiu,  
até dar o último retoque.  
E ao terminar o que ele viu  
o deixou em estado de choque.

Então, viu-se diante de um fato:  
a alma de quem lhe importa,  
foi transferida para o retrato  
e sua amada estava morta!



**CONTO**

# *O Murmúrio do Vento na Floresta de Bambu*

**POR ROBERTO SCHIMA  
(AUTOR CONVIDADO)**

**Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso" etc. Participa de várias antologias, sendo que o conto "A Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br).**



## PRÓLOGO

*Vento insinuante,  
atrevido, uma carícia.  
Roçando o bambuzal.  
Ondulações...  
... Uma delícia!  
Sussurrando-lhe  
segredos, viagens,  
sonhos, desejos.  
E a floresta de bambu  
vergando-se humilde,  
feliz, agradecida.  
Sorri em sons de chuva.  
Folhas caem, suaves,  
na terra umedecida.*

### 1 - BAMBU PERDIDO

**E**u podia escutar o farfalhar das folhas de bambu a medida em que a brisa insinuava-se pelo interior da floresta. Era como um murmúrio: o bambuzal cochichava. E as folhas secas caíam ao meu redor lentamente num arremedo de chuva a respingar através do outono. Havia tanta paz por entre aqueles caules ocos do diâmetro de uma coxa e galhos recurvados lá no alto ao sabor da brisa. Meus pés pequenos tocavam a terra úmida, sentiam a camada de folhas entre meus dedos. E a comunhão era tamanha... Como se eu fizesse parte daquele lugar, da floresta de bambu, dos galhos, das folhas, do chão duro, das sombras, do outono, do modo como os raios de sol infiltravam-se em feixes estreitos, do sussurro do vento carregado de mistérios. Eu me sentia, finalmente, parte de um lugar. Eu sabia quem era e tudo se encaixava.

Mas, então, vultos surgiam ao longe, a flutuar por entre a vegetação. Eram negros e assustadores. Espíritos do mal. E as sombras, até então reconfortantes, tornavam-se ameaçadoras. O céu escurecia e os vultos aproximavam-se através de ramos partidos. Folhas secavam e morriam a sua passagem. O ar enchia-se de odores pútridos. Depois e aos poucos, percebiam-se vozes; sussurros a princípio, cujos volumes aumentavam gradualmente até transformarem-se em um coral de lamúrias ou bramidos ensurdecedores.

Os choros.  
As lágrimas.  
As explosões.  
Os estampidos.  
E aquele cheiro.

A escuridão envolvia-me por inteiro. Respirações pesadas ao redor de meu pescoço. O uivar de um vento distante. Mãos a tocar-me bruscamente. Por que não existia mais luz no mundo? E os gritos de desespero, ah, os gritos! E outras vozes, vozerios irados acima do horror, eles sempre interromperam meu sonho, meu sono, minha vida. E, por todo o sempre, embrulhado no caos, eu me senti perdido.

## 2 - VOZES E VISÕES

O inferno.  
E as chamas.  
Vozes malignas.  
Vozes insinuantes.  
Vozes ameaçadoras.  
Os gritos. O desespero.  
Explosões, lágrimas, ódio.  
E com eles, vinham os sonhos.  
Os sussurros emergiam das sombras.  
E todas as noites a escuridão retornava.  
Dentro de minha cabeça: rindo, vociferando, ameaçando... Mandando.

Durante toda a vida, as visões e as vozes habitaram a minha alma. Intrusas infernais do submundo. O tormento, a insanidade, vultos sinistros martelando e martelando incoerências, sugestões de demência. O desmoronar de um mundo que nunca chegara a se formar.

O que eu podia fazer além de despertar diante de meus próprios berros, mãos crispadas no ar, a agarrar o vazio, tentando afastar algo ou cobrir uma cena cujo colorido fora tomado pelas trevas?

Minha mãe surgia cheia de chispas no olhar. Eu esperava por conforto, um carinho, uma voz amiga. Mas isso não acontecia. Ela repreendia-me, batia-me com seu tamanco por haver perturbado a paz de seu sono, por incomodar meu pai e alarmar os vizinhos. Em seguida, trancava a porta as suas costas, deixando-me imergir só na escuridão, entre os monstros nas sombras que sequiosamente me aguardavam. E eles riam, tramavam e urravam. Em meu desespero, apanhava o cobertor e escondia minhas lágrimas durante as longas horas até o sol raiar e fazer a penumbra retroceder. A escuridão fugia, mas as vozes persistiam.

Minha vida inteira foi assim, atormentada por tais pesadelos, visões e sons que se repetiam e eu não compreendia o porquê. Vivía em estado de angústia permanente, cansado, incapaz de coordenar os pensamentos e entender o mundo.

Minha mãe nunca foi uma pessoa afetuosa. Ternura não existia em seu dicionário. Alimentava-me. Cuidava de minhas roupas. Conferia se eu tinha escovado os dentes. Cumpria o seu dever. Porém, sempre manteve uma frieza distante como se se arrependesse de eu haver nascido.

Meu pai, por outro lado, cobria-me de mimos, brincava comigo, contava histórias de quando estava na ativa, no exército, levava-me para passear pela cidade, dava-me brinquedos. Porém, não me ouvia. Dizia que meus sonhos ruins eram bobagens, frutos da imaginação ou trauma de guerra, que passariam assim que eu crescesse. Ele jamais compreendeu ou sempre fingiu para mim e para si nunca entender. Deveria ter rezado para que eu fosse sempre pequeno.

E todas as noites a escuridão retornava.  
Os sussurros emergiam das sombras.  
E com eles, vinham os sonhos.  
Explosões, lágrimas, ódio.  
Os gritos. O desespero.  
Vozes ameaçadoras.  
Vozes insinuantes.  
Vozes malignas.

E as chamas.  
O inferno.

### 3 - MANCHETE

Um certo dia de um certo mês... 1967.  
O veículo percorria as ruas movimentadas.

*"CRIME BÁRBARO SACODE A CIDADE"*

Assim foi a manchete meses atrás.  
Abaixo do título, lia-se:

*"Veterano de guerra e suas esposa são esquartejados pelo filho".*

Se havia alguma menção às vozes, visões e brados em meus ouvidos, eu não sabia dizer. Só consegui ler as letras maiores nos jornais pelo caminho, nas mãos de transeuntes, a medida em que a viatura policial levava-me ao meu destino. Mal adivinhavam os ávidos leitores que o autor da tragédia a deleitar seus olhos estava bem ali, no interior daquele carro: eu. Minhas mãos crispadas nas algemas só desejavam agarrar seus pescoços e apertá-los até que os gritos dentro de minha cabeça se calassem, embora eu soubesse que não se aquietariam. Talvez se eu arrancasse os olhos deles com as unhas ou decepasse as orelhas a dentadas. O que podia saciar a fome do inominável dentro de mim? Naquele momento, eu só pude sorrir diante de um pensamento: minha manchete, naquele dia, superou todas as outras, sobre os *Beatles* e a corrida espacial inclusive.

O que sentiriam as pessoas se tivessem um mosquito zumbindo continuamente dentro de seus crânios? E se em vez de um fossem vários mosquitos em diferentes frequências e intensidades? Isso sempre me aconteceu, desde garotinho. Tapava os ouvidos e confirmava: sim, vinha de lá de dentro. Eu achava que fosse normal, que todo mundo possuía um enxame ininterrupto de sopranos nos miolos.

Por isso, não conseguia entender direito aquilo que a professora falava. Eu ia de mal a pior na escola. Em casa, apanhava de minha mãe por causa das notas baixas. Ela dizia que isso era inadmissível. Nunca me batia perto de meu pai, das vezes em que ele conseguia uma licença e ficava alguns dias em casa. Ameaçava-me para eu não contar, berrava que ele tinha coisas mais importantes em que pensar.

Na época, ele lutava pelo nosso país na guerra.

Meu pai sempre se mostrou compreensivo. Era de poucas palavras. Vê-lo de farda a cruzar o portão de casa sempre me impressionava. Quando me via, fitava-me de um jeito esquisito, depois sorria e fazia-me um cafuné. Ao saber de meu baixo desempenho, mostrava-se compreensivo, dizendo saber que eu dava o melhor de mim.

Mal sabia ele que o "melhor de mim" ainda estaria por vir.

Eu o idolatrava.

### 4 - FANTASMAS DA GUERRA

Uma decisiva batalha naval havia sido perdida, invertendo o curso da guerra.

As vozes, os bramidos e as explosões vieram pouco tempo depois, quando eu, aos sete anos, já havia aprendido a ler. Chegaram feito uma onda, uma tormenta, um tufão em minha alma, cuja composição constituía-se em escuridão e desespero em meio à tempestade. Todavia, as pessoas comentavam ser normal devido ao conflito que se aproximava de nossa cidade: a tensão, o movimento de tropas, os bombardeiros, as sirenes, as correrias. Estávamos todos aterrorizados.

Os meses passaram-se em lenta agonia.

Mais e mais aviões inimigos cruzavam nossos céus.

As notícias de boca em boca só pioravam, embora os jornais e as rádios dissessem o contrário.

Moços cada vez mais jovens foram sendo convocados para o suplício de mães desconsoladas.

O espectro da derrota assombrava a nossa porta. Como isso era possível? Nosso líder era um deus! Sempre fizeram-nos acreditar que éramos os melhores. Considerava-se heresia propagar pensamentos negativos, uma traição à pátria passível de morte.

Muita gente que conhecíamos foi lutar na guerra em ilhas distantes e, depois, mais perto da costa. A maioria nunca retornou. Alguns deram suas vidas deliberadamente. Meu pai aparecia com menos frequência em casa, cada vez mais magro e fisionomia abatida. Bombas incendiárias choviam do céu. Pranto, gemidos e vozes desesperadas fizeram eco àqueles que existiam dentro de mim. Se eu respirasse muito fundo, podia sentir o cheiro de madeira e carne queimada trazido pelo vento. Mamãe não parava de choramingar diante dos estrondos, das colunas de fumaça, dos estampidos das baterias antiaéreas e do medo contagiante de outras mulheres, velhos e crianças. Eu também estava apavorado, todavia, ao mesmo tempo, tinha a impressão de haver algo familiar naquele pesadelo sem fim.

O ápice do caos chegou dois anos depois na forma de um par de imensos cogumelos.

Chamas.

Radiação.

Vendavais.

Genocídios.

Nuvens de pó.

Onda de choque.

Maciça destruição.

Não sei como sobrevivemos, eu e minha mãe. Até meu pai, sobreviveu à guerra. Perdeu uma das pernas e o ânimo para sorrir, todavia, ainda me tinha simpatia. Ele realmente me amava.

Veio a paz a um custo altíssimo, e, com ela, o tempo de carência, da fome e da longa restauração.

Continuei crescendo e expediram os meus documentos pessoais. Meu pai disse no cartório que a certidão de nascimento perdera-se num incêndio. Pela primeira vez, vi uma fotografia minha. Fitei-a e a meus pais. Senti-me esquisito.

Eu achava que, após tudo o que passáramos juntos, mamãe podia ser um pouco carinhosa comigo, cordial pelo menos. Mas não, sempre o mesmo distanciamento glacial. Ela não mudou, exceto pelas cicatrizes internas que o terror da guerra lhe deixara, aquele poço de rancor no qual chafurdava em meio à pobreza. Às vezes, até observava-me com ódio no olhar, quando supunha que eu estivesse distraído ou dormindo. Mas eu percebia. Não entendia o motivo. E nunca tive coragem de confrontá-la. Seria porque eu representava uma boca a mais? Ou porque roubava-lhe o afeto do marido? Não fui eu quem pediu para nascer!

E as vozes riam enlouquecidas dentro de mim, ou esbravejavam incoerências.

Eu continuava a ver sombras pelos cantos. E rostos medonhos através do espelho.  
Clarões.

Explosões.

Trevas sem fim.

Rostos descarnados.

O odor de carne queimada não me abandonava.

Ainda acordava de madrugada, berrando, sentindo-me rodeado por espíritos.

Ninguém mais se importava, nem os vizinhos, pois eles também não conseguiam dormir, vítimas de seus próprios traumas e pesadelos.

Adolescente, tornei-me cada vez mais introspectivo. Dia a dia os horrores internos mostravam-se mais vivos para mim do que a realidade a minha volta. Via rostos formarem-se na penumbra do quarto e, diante do espelho, demônios escancaravam suas bocarras. Formas esqueléticas arrastavam-se pelas paredes e tetos feito aranhas gigantes.

Li sobre fantasmas, aparições e espíritos enraivecidos. Falava-se muito sobre eles depois da guerra. Diziam que almas errantes perambulavam pelos escombros, prontas a dilacerar os vivos pelo fato de terem sobrevivido e eles não.

## 5 - BAMBU PARTIDO

Um dia, alguém bradou que os soviéticos haviam lançado um satélite no espaço.

Todo o planeta foi apanhado de surpresa com a notícia. Alguns tiveram medo.

Fazia mais de dez anos que a guerra terminara e eu contava vinte e dois anos.

Morávamos em uma casa simples, porém, com algum conforto. Eu tinha um quarto só para mim. Meu pai ajeitou as suas espadas - uma curta e a outra maior - em um suporte de madeira na sala, sobre uma cômoda, como relíquias a serem reverenciadas. Ao lado, ergueu um pequeno santuário para homenagear os ancestrais, onde o incenso ardia ao lado de uma tigela de arroz. Na frente da casa, ele fez um pequeno jardim e, entre arbustos e flores, plantou uma touceira de bambu. Era de uma espécie minúscula. Seu caule tinha o diâmetro de um dedo apenas e mal ultrapassava dois metros de altura. Apesar disso, eu gostei imediatamente. Evocou-me algo de bom, tranquilo. Não soube explicar. Suas pontas finas balançavam em harmonia e as folhas murmuravam segredos para o vento.

Minha mãe cuidava das plantas com esmero. Regava. Podava. Adubava. Podia-se dizer que entregava a elas o afeto que sempre me negara.

Um dia, durante uma prolongada discussão entre meus pais, naquela altura ambos na meia idade, minha mãe, impulsivamente, gritou-lhe algo que, em vez de atingi-lo, chegou até mim com a força de uma bofetada. Eles não sabiam que eu estava nas redondezas. Acreditavam que eu perambulava pelas ruas atrás de emprego ou tentando arranjar trocados por meio de biscates. Trabalho era difícil. Quem iria contratar um fulano que ouvia vozes, conversava sozinho e tinha estranhas visões o tempo todo?

Eu estava do lado de fora, no quintal, de olho no bambu. Os zumbidos soavam dentro de minha cabeça. E a algaravia de gemidos e gritaria não cessava.

A folhagem do bambu balançava tranquilamente.

De repente, minha mãe berrou:

- Que culpa tenho eu de ter nascido estéril!

As vozes na minha cabeça pararam um segundo, pela primeira vez em minha vida.

Eu fiquei lívido.

Quase pude ouvir o barulho no cérebro. Assemelhava-se ao estalo de um galho seco. Algo se partiu para sempre em meu espírito, uma teia, uma corda, talvez o último fio de esperança e sanidade.

## 6 - SOB AS ESPADAS

Durante todo o processo pelo meu duplo homicídio, uma pergunta comum foi: por que eu os matara? Apesar da mãe indiferente, eu era adorado por meu pai e também o amava. Por que aquela fúria sanguinária repentina? Não obstante o habitual recato da imprensa, detalhes não deixaram de fluir. Um pouco aqui e ali, juntando-se os pedaços - por assim dizer - tinha-se o quadro grotesco do modo como eu os assassinara. Isso despertava um fascínio mórbido nas pessoas. Eu podia reparar. Despertava algo de sua antiga cultura feudal. Como eu podia explicar para eles? O que havia para dizer? Que se danassem! Nada falei durante todo o julgamento. A maioria acreditava que eu era insano. Houve testemunhos nesse sentido. Fiquei quieto no meu canto. Eu não os via, tampouco ouvia. Sentia-me no fundo de um redemoinho em pleno oceano. E o gigantesco funil rodopiava e rodopiava ao meu redor. Seu tom variava do negro a diferentes matizes de cinza. Girava e girava. E, por trás de suas paredes, eu observava rostos disformes, corpos partidos, olhos vazados, bocas emudecidas. Fitavam-me enquanto rodavam. O colosso d'água fazia um barulho ensurdecedor, menos um gargarejo e mais um coral de vozes alucinadas. E só eu presenciava aquela coisa no tribunal.

Como aconteceu o crime?

Aproveitei um dia em que ambos ausentaram-se por algum motivo. Revirei a casa. Não sabia o que procurar e, tampouco, tinha certeza se queria achar algo diferente. Examinei gavetas, armários, a estante de livros, dentro de vasos, atrás de quadros, sob a pia da cozinha, atrás do santuário. Demorou, mas, por fim, minha busca obteve mais êxito do que eu poderia supor e, muito menos, desejar.

Era como se o destino assim houvesse traçado.

Na cômoda onde descansavam as espadas, sob a base, havia um compartimento secreto. Estava bem disfarçado do restante da madeira laqueada. Só descobri devido ao som oco que fez quando eu bati sem querer o cotovelo naquele ponto do móvel. Retirei a tampa e vi aquela garganta escura de onde partia um cheiro de mofo e algo mais que não pude identificar.

As vozes agitaram-se dentro de meu cérebro.

"Pegue!", disseram repetidas vezes.

Pressionei forte as têmporas.

A cabeça latejou.

Gemi alto.

"Pegue!"

Nervoso, enfiei a mão no interior do buraco, tateei e senti algo. Tirei-o de lá...

... Era um diário.

## 7 - BAMBU ENSANGUENTADO

Meu corpo arrepiou-se todo.

Minha garganta ficou seca.

Minha vista embaçou-se.

Um diário... Um diário!

"Leia! Leia! Leiaaaa!"

Estava bastante surrado, folhas sujas, amarrotadas e amareladas. Fora escrito a lápis na maioria das vezes. Em algumas páginas, recortes de jornais tinham sido colados. Encontrei manchas escuras de impressões digitais: sangue. A data indicava ser do final de 1937. Falava do conflito. Os bombardeios. A invasão ao continente pelas tropas. A captura da cidade costeira. A euforia. O massacre de militares e civis locais. Os planos de marcharem rumo à capital.

Meu pai era um dos jovens oficiais do exército.

Ele escrevera sobre o seu fervor patriótico, a superioridade de nosso povo em relação aos demais e o dever nacionalista de tomar aquelas terras e subjugar aquela gente a quem referia-se em tons depreciativos, para dizer o mínimo.

De esguela, percebi formas escuras revolverem-se em volta.

Meu estômago foi ficando cada vez mais embrulhado.

O próprio piso de madeira perdeu a sua solidez.

Senti um bafejar quente e fétido na nuca.

A inquietação tomava-me o espírito.

Não, muito mais do que isso:

Um desespero crescente.

O medo do porvir.

Da verdade.

Era como seguir uma trilha numa floresta cada vez mais fechada. As árvores curvavam-se para me agarrar. A tarde findava. O frio avançava. A ventania rugia. E, de repente, um temporal caía das alturas e relâmpagos assustadores riscavam seu ódio em fiapos no céu, transformando o terreno em um lodaçal.

A minha visão turvada, num misto de fascínio e repugnância, não conseguia desprender-se daquelas páginas amarfanhadas. Alguma coisa obrigava-me a prosseguir.

O exército alcançou a capital onde muitos civis se refugiaram.

Foi uma investida bárbara. Centenas de milhares foram mortos no massacre.

Em dado momento, meu pai invadiu os escombros fumegantes de um casebre. Situava-se à margem de uma grande floresta de bambu, parcialmente incendiada. Dentro da casa, deparou-se com uma família assustada: um casal e seus filhos. Prontamente, ele matou o homem e os meninos na frente da esposa a golpes de espada. Depois, agarrou a moça e ali, entre os cadáveres ensanguentados, violentou-a selvagememente. Em seguida, cortou-lhe a garganta com sua espada menor. Enquanto arrumava o seu uniforme, ouviu um choro. Sacou da espada e preparou-se para um novo assassinato, quando se deparou com o terceiro filho daquela família, o caçula, encolhido sob um cobertor num canto pouco iluminado. Tinha em torno de dois anos. Pretendeu matá-lo, mas algo dentro de si falou mais alto. Recordou-se de seu forte desejo em ser pai e a esposa a esperá-lo em seu país, a qual não podia engravidar. Tomou a decisão. Como o jovem oficial conseguiu transportar a criança pelo mar até a sua casa não ficou esclarecido. O diário só mencionou de tê-la deixado aos cuidados da mulher, ordenando-lhe que a criasse como se fosse o filho que ela nunca pôde parir para a ele, e que considerasse o gesto como um presente divino.

Ele voltou à capital do outro país, ao campo de batalha que, na verdade, tornara-se um campo de estupro e extermínio. E prosseguiu na matança e violações juntamente com seus colegas.

Civis foram arrebanhados nos buracos abertos pelas bombas e abatidos a tiros. Enterraram mulheres, velhos e crianças em covas coletivas, inclusive os feridos... Sepultados vivos.

Soldados competiam entre si para ver quem conseguia decapitar mais prisioneiros com suas espadas em menor tempo. Havia um recorte de jornal no diário com um retrato

de dois desses competidores. Seu pai descreveu sua frustração ao perder a aposta para um outro oficial.

Utilizaram prisioneiros como alvos vivos para exercícios de baioneta.

Pessoas foram mortas sem motivo pelas ruas da cidade.

As atrocidades não conheciam limites.

Cheguei num ponto em que não conseguia mais ler, fosse pelas lágrimas em meus olhos, fosse pelo tremor em minhas mãos, fosse pela ira de todas as vozes em meu cérebro.

O diário maldito escorregou para o assoalho num baque abafado.

Sentia-me completamente desorientado, sem chão, tomado de revolta.

Assim, de forma nua e crua, eu compreendi: os pesadelos, a insônia, as vozes, as explosões, as visões... os gritos. Fantasmas sem descanso a clamar por vingança.

A tormenta em meu interior tinha uma razão de ser.

Entendi a agonia, o desespero, o sentimento de estranheza, de não pertencer a lugar algum.

Por isso, aquela que, até então, eu chamara de mãe, nunca me amara.

Por isso, a visão da touceira de bambu ecoava memórias perdidas em minha mente.

Por isso, os colegas na escola mencionavam a inclinação diferente de meus olhos ou o formato peculiar de meu nariz. E eu próprio ficara intrigado com a minha foto em comparação aos rostos daqueles que eu supunha serem meus pais. Não havia semelhança alguma. Nunca houvera.

O mistério fora desvendado, a exceção de um: o genuíno amor de meu "pai" por mim.

## 8 - À DERIVA

Eu crescera em um país que não era o meu.

Eu falava um idioma que me deveria ser estranho.

Eu possuía um nome e sobrenome que não me pertenciam.

Eu fora o mais novo de uma família da qual sequer me lembrava.

Estava sob o mesmo teto do violentador de minha mãe, do assassino dos meus pais e irmãos, do homem que me sequestrara, roubara a minha vida, a minha memória, as minhas raízes, o meu eu. Fora criado dentro de uma cultura que destruía a minha e tudo fizera para aniquilar meu povo. Minha cultura... Meu povo... Eu era um completo estranho para eles tanto quanto eles o eram para mim. Fui tornado um pária.

Senti-me um náufrago, alguém sem rumo, completamente perdido. Eu não era parte de ninguém, de lugar algum, de nada.

O que eu era?

Quem eu era?

E por que eu?

E, não obstante todas as atrocidades e selvagerias daquele homem, eu o amei. E ele me amava como se seu filho fosse, por mais irracional que isso pudesse parecer. Considerava-me seu filho. Dera-me o seu sobrenome. Eu, aquele de quem, barbaramente, a família executara.

Afeição e fúria mesclavam-se dentro de mim. Tudo se desmoronava a minha volta.

A fênix das recordações ressurgiu.

Eu não enxergava aquela casa onde estava, mas um casebre numa terra distante, uma família de artesãos, uma floresta de bambu que fornecia-lhes a matéria-prima para o trabalho. Confeccionavam esteiras, utensílios, potes, guarda-chuvas, banquetas, objetos

decorativos e até brinquedos. Todo o interior do casebre cheirava a suor e serragem de bambu. Eram pobres, mas felizes.

Tive dificuldade em respirar. Tudo parecia rodopiar a minha volta. Dentro de minha cabeça, uma cacofonia sem par rugia. Eu me via transportado para a pintura *O Grito*, de Edvard Munch, ou *O Juízo Final* de Hieronymus Bosch. Sussurros e vociferações. Faces retorcidas. Figuras atormentadas. Por que eu não morri naquele instante?

Um ódio animalesco misturou-se à estima que ainda era forte dentro de mim. Eu não queria mais esse sentimento! Em desespero, desejava expurgar esse afeto e preenchê-lo com a ira. Sem sucesso. E isso arranhava mais o meu coração do que se uma lâmina fosse enterrada lenta e profundamente na minha carne.

As lâminas.

Trêmulo, segurei a espada maior. Uma onda de eletricidade percorreu meu corpo. Era como se aquele instrumento de morte incinerasse não somente as minhas mãos, mas a minha própria alma.

Aquilo trucidara a minha verdadeira família e sabia-se lá mais quantas pessoas.

Retirei a espada de sua bainha de madeira laqueada.

A cintilação impecável e especular da lâmina não conseguiu esconder o horror desumano dos atos cometidos. Não havia honra, dever ou código de ética. Somente o horror.

Anteriormente, detalhes sobre a guerra nunca me foram revelados.

Nos anos posteriores à rendição e ao soerguimento do país, o governo jamais reconheceu as atrocidades cometidas em nações vizinhas e, muito menos, fez um pedido formal de perdão. Pelo contrário, procurou alterar a História, minimizar os fatos, quando não os negava completamente. Não por acaso, durante o meu processo de duplo homicídio, o diário daquele que me criou sequer foi mencionado. Simplesmente sumiu. Desapareceu, varrido para debaixo do tapete da memória.

Tocar o metal da espada acionou uma espécie de interruptor dentro de mim. Era o que eu necessitava para banir todo sentimento benevolente que eu ainda pudesse ter para com os meus falsos pais.

E foi justamente naquele instante que a porta da sala se abriu.

O homem que eu idolatrara como pai apareceu.

## 9 - FARPA DE BAMBU

Eu encontrava-me tão imerso no torvelinho de minhas emoções que sequer ouvira o ranger das dobradiças do portão lá fora ou o toc-toc de sua muleta.

Seus olhos passaram dos meus para a sua reverenciada espada e, por fim, focaram-se no seu diário secreto caído aos meus pés. Indignição, surpresa e pavor mesclaram-se em seu rosto. As compras escaparam-lhe das mãos. Ovos espatifaram. Laranjas rolaram. Doces de feijão amassaram. Sim, ele compreendeu tudo imediatamente. Ficou boquiaberto, mas seus lábios permaneceram mudos, em choque.

Agora, finalmente, eu sabia de tudo.

Um coro zangado bramiu dentro de mim.

Segurando firme o punho da espada, ataquei.

Ao primeiro golpe, decepei a mão esquerda dele e o sangue brotou imediatamente.

Aquele homem sequer esboçou uma reação. Viu o brilho de sua morte em meus olhos e aceitou o seu destino. O segundo golpe foi em direção ao seu pescoço e, quase consegui degolá-lo. O sangue saiu aos borbotões. O corpo caiu. A muleta escorregou para o lado. Minha única concessão fora-lhe uma morte rápida.

No instante seguinte, apareceu a esposa. De tão surpresa, em vez de gritar, soltou uma espécie de miado interminável. Deu meia volta e tentou fugir.

Alcancei-a e a ponta da espada descreveu um arco em suas costas.

Ela caiu de bruços.

Virei-a. Montei em sua barriga. Quis olhar diretamente em seus olhos.

"Olhe para mim! Sim, sou eu... Olhe para mim!"

Além da terrível dor, vi o pânico bruto em suas faces. Finalmente, além da frieza, dirigia-me uma emoção que não era de impaciência ou raiva. Sim, mulher, você cuidou e criou aquele que viria a dar cabo de sua vida.

"Olhe para mim!"

Enfiei a espada sob o seu maxilar até atingir o cérebro. E estava morta.

Depois, metodicamente, juntei os corpos na sala e passei a esquartejá-los sem pressa tal qual um *chef de cuisine* no preparo do baiacu. O braço que primeiro eu cortara, enfiei no buraco do esconderijo do diário. As demais partes, espalhei pela casa.

O alívio da vingança cumprida chocou-se contra o remorso por destruir a única pessoa que me amara. Eu trouxera o descanso aos fantasmas inquietos de minha verdadeira família, mas, simultaneamente, eu nada sentia por eles, pois nunca os conhecera. Não me recordava de seus rostos e, muito menos, de seus nomes. E quanto ao meu nome? O que eu era? Eu estava perdido, à deriva, demente. O torvelinho tragou-me para as suas profundezas escuras. Arfei.

Terminado o serviço, sai da casa e sentei na varanda.

Senti a brisa em meu rosto. Admirei as primeiras estrelas no céu.

Exceto pelo vozerio a sussurrar em meu cérebro, sentia-me vazio por dentro.

Não demonstrei qualquer emoção quando os vizinhos surgiram e a polícia apareceu. Nem todas as partes dos corpos eles conseguiram encontrar.

## 10 - O FARFALHAR

A sentença não foi outra senão a pena de morte, claro.

Completei trinta e dois anos ontem. Não houve bolo nem velas. Não é muita idade, porém, sinto-me tão velho... Pode-se viver várias vidas em tão curto período? Eu vivi demais da minha conta.

O policial que está dirigindo a viatura comenta para o seu colega que uma sonda soviética pousou em Vênus. O outro não acredita e eles iniciam uma pequena discussão até o noticiário no rádio confirmar o fato. O carro parte para fora da cidade. Edifícios dão lugar aos arrozais, propriedades rurais e pequenos bosques.

Vênus? Quem diria... Onde a humanidade irá parar até o findar do século? E que século!

Permaneço calado, de olhos atentos à paisagem. O cheiro de mato e a sensação de movimento me acalmam tanto quanto a percepção de que o desfecho de uma vida - muitas vidas - está próximo.

Quando foi exatamente que me dei conta de que a execução seria realizada em uma floresta de bambu? Eu não sei responder. Talvez um odor peculiar, um sussurro na brisa, a visão do topo do bambuzal a balançar em cadência ao longe. Eu não sei.

O que percebo pela primeira vez na vida, assim que piso neste lugar, é o incrível cessar das vozes em minha mente. Aumentaram o volume e, em seguida, calaram-se. Estou estupefato. É como se tivessem se despedido, saído de meu corpo e reencontrado seus caminhos na floresta... Foram-se! Após todos esses anos de tormentos e aflições, acabou-se. Finalmente, eu estou em paz. Ponho-me a sorrir e rir de felicidade.

Os policiais viram-se para mim. Seus semblantes denotam piedade e a certeza da loucura do prisioneiro. Deixo-os pensarem assim. Não me importo.

Inspiro fundo e sou invadido pelo aroma de bambu fresco. É como se a minha vida tivesse se iniciado em uma floresta de bambu e, agora, nela findaria, completando o círculo.

O absoluto silêncio.

Fico extasiado.

A quietude!

Escuto o vento penetrar na folhagem. É o mesmo farfalhar que ouvia quando muito, muito pequeno. Quase me esqueci, exceto por um fiapo no fundo da memória. Segredos são sussurrados em chuva fingida. Folhas caem ao meu redor devagar, anunciando o outono. Há muita serenidade neste lugar. Sou grato por isso às autoridades. Meus pés tocam a terra úmida. Sinto a camada de folhas entre meus dedos. Sou um com o bambuzal. Sou parte dele, do vento, do farfalhar, das sombras, do outono, da maneira conforme os raios de sol infiltram-se em feixes estreitos. A floresta murmura mistérios em meus ouvidos. Não há mais choros, lágrimas, estampidos, explosões, sombras, desespero. Somente a brisa em meu rosto.

Sim, estou em paz.

Não me sinto mais perdido.

Por favor, terminem logo com isso!

Quero atravessar o oceano e voltar para casa.

## EPÍLOGO

*Diante da fúria da tormenta, o bambu flexível curva-se humildemente, dando a impressão de submeter-se, enquanto o pinheiro, rígido e orgulhoso, mantém-se ereto a enfrentá-la.*

*O tronco do pinheiro, ferozmente fustigado, não tarda a partir-se.*

*A tormenta rugue, faz estragos, provoca temor, porém, cedo ou tarde, perecerá em uma brisa inofensiva, consumida por seu próprio esforço em dominar.*

*E, quando esse dia chegar, o bambu vergado tornará a reerguer-se, retornando a posição original: vivo, sábio, pronto a multiplicar-se e enfrentar o amanhã.*



**CONTO**

# *Durvalina*

**POR FERNANDO ANTONIO PRADO GIMENEZ**

**Londrinense, professor universitário e escritor que reside em Curitiba. Cinéfilo e editor da Revista Livre de Cinema ([relici.org.br](http://relici.org.br)). Registra seu contos, poemas e crônicas nos blogs: Breves Textos – Crônicas e Contos ([brevetextos.blogspot.com](http://brevetextos.blogspot.com)) e Um Haikai ao Dia ([umhaikaiaodia.blogspot.com](http://umhaikaiaodia.blogspot.com)).**



**N**o começo fez-se a escuridão. Repentina. Estavam, todos, na cozinha. A mesa posta em cada casa do vilarejo. Recém-sentados. Mal começaram a se servir, as luzes se apagaram. Todas ao mesmo tempo. As nuvens negras impediram que a Lua Cheia abrandasse a completa falta de luz. O vilarejo às escuras.

À escuridão, seguiu-se o silêncio. Sepulcral. Estranhamente, nenhum som se ouviu. Permaneceram calados. Imóveis. Os lábios de cada um, firmemente cerrados. Assustados. Incapazes de qualquer balbúcio. Lá fora também! Silencioso, o vilarejo parecia ter deixado de existir. Como se o tempo parasse. Acontecera como o ancião previra. Mas, somente Durvalina o sabia.

Nove meses atrás. Ele chegara ao vilarejo. Acompanhado de um enorme cachorro. Olhos negros, como a pele do cachorro. Os do cão, vermelhos. A vasta cabeleira grisalha do homem se estendia até a cintura.

Na sua chegada, quase todos ficaram ressabiados. A figura estranha, arqueada com uma corcunda enorme. A pele branca e enrugada. Apareceu na praça. De repente. Como se tivesse surgido do nada. Uma aparição. No meio da tarde. Muitos correram para casa. Os que já estavam em casa, fecharam portas e janelas.

Durvalina foi a única que não se preocupou com o forasteiro. Ela havia sonhado na noite anterior. Com gravidez. Aos 90 anos, longos cabelos grisalhos contrastando com o negrume dos olhos. No sonho ela vira uma cadela prenha. Da cachorra, nasceu apenas um enorme cão preto de olhos vermelhos, acolhido por um ancião corcunda. Era premonitório o sonho. Sonhar gravidez é prenúncio de chegada. Ninguém sabe o que será. Sempre surpresa. Mas, certa.

Durvalina acolheu o ancião e seu cão em casa. Passava pela praça no momento da aparição. Jesualdo e Chico. Chico ficou no quintal. Juntou-se a Madalena, a velha gata que escolhera morar com Durvalina. Estranharam-se a princípio. Jesualdo acariciou Madalena, ao mesmo tempo em que ralhara com Chico. Gata e cachorro sossegaram.

Jesualdo entrou e foi direto ao quarto de Madalena. O único da casa. Com uma cama de viúva. Deitou-se. Adormeceu profundamente. Acordou apenas na manhã seguinte. Sol alto. Quase dez horas da manhã. Nem percebeu que Durvalina dormiu a seu lado. Pelo menos, foi o que ela pensou.

Na cozinha, Durvalina começava os preparativos do almoço. Arroz, feijão, frango a passarinho, salada de tomate. Jesualdo entrou. Serviu-se do café na garrafa térmica. Morno. Fez uma careta. Saiu pro quintal. Chico e Madalena esticados no último degrau da pequena escada que unia a porta da cozinha ao nível do solo. Quatro degraus. De vermelho.

Depois do almoço, Jesualdo chamou Chico e partiu. Do portão, avisou Durvalina. Daqui nove meses ficará escuro e fará silêncio. Não se assuste. Mesmo no escuro, caminhe até a praça. Nada lhe impedirá.

Durvalina lembrou do aviso de Jesualdo. Tateando no escuro, caminhou em direção à praça. Ao chegar, a lua surgiu entre as nuvens. Iluminou o centro da praça. No coreto, de uma cachorra nascia um cão preto, grande, de olhos vermelhos. Ao mesmo tempo, em Durvalina, cresceu uma corcunda.

Ela acolheu o cão. Seguiu em direção à estrada. Em busca de seu destino. Sua missão estava começando. A premonição do sonho. Surpresa, mas certa. Ela pensou que era o ancião e seu cachorro. Estava enganada. Enquanto caminhava, as nuvens se afastaram, a lua cheia clareou a noite. As luzes se acenderam nas casas. Sons foram ouvidos.

Na manhã seguinte, perceberam a ausência de Durvalina. Madalena, esticada no topo da pequena escada junto à porta da cozinha, se aquecia ao sol. Dorival foi o primeiro a notar. Passava em frente à casa de Durvalina. Estranhou que ela não estava à janela, como

sempre fazia naquele horário. Mais à frente, encontrou com Maria José, vizinha de Durvalina. Perguntou sobre a velha. Maria José falou que não a vira naquele dia.

Passados uns dias, alguém avisou Deodato, irmão de Dorival e policial militar que morava no vilarejo. Este estava de folga. Foi até a casa de Durvalina. Forçou a porta. Entraram. Nada! Nenhum sinal da anciã. A gata Madalena já tinha sumido. Dorival, que fora com o irmão comentou. Será que a maluca foi embora? Tomara que sim, foi a resposta de Deodato. Você se lembra daquela história nove meses atrás, perguntou ao irmão. Quem é que não lembra, respondeu o outro.

A coisa foi assim. Segundo me contaram. Há tempo, ela vinha avisando a todos. Não acreditavam. Ela dizia. E completava. Esse dia ainda vai chegar. A maioria duvidava. Ela está fora de seu juízo. A conclusão da maioria ia nessa direção. Mas, havia uns poucos que levavam a sério os alertas de Durvalina.

Isto tudo aconteceu antes do sumiço dela. No dia seguinte à chegada do velho andarilho e seu cão de olhos vermelhos. Durvalina, você sabe, foi a única que acolheu a dupla em casa. Mas, isso não importa. O importante é o que ela passou a dizer desde então. O sumiço dela só aconteceria nove meses após a chegada de ambos. Mas, isto também você já sabe.

O primeiro que foi alertado era um moleque. O pequeno Rodrinaldo. Filho de Ronaldo, o coveiro, e neto de Andriela, a mais antiga parteira da região. A mãe quis que o nome do filho combinasse o do pai com o da avó. Morreu no parto. Respeitaram sua vontade. Mais de uma centena de viventes tinham visto a luz primeira nas mãos de Andriela. Ronaldo enterrou a mulher. Mãe e filho nas pontas do ciclo da vida no vilarejo. O começo e o fim.

Rodrinaldo passava em frente à casa de Durvalina. A anciã viu o moleque. Chamou por ele. Rodrinaldo tinha medo da velha. Saiu correndo quando, da boca de Durvalina, ouviu a profecia. Entre a luz e a escuridão, um dia se invertem o fim e o começo. Esse dia ainda vai chegar.

Sem entender, contou ao pai. Este só respondeu que deixasse a velha pra lá. É maluca!

Da outra vez, foi com a própria Andriela. A parteira voltava da casa de Rosália e Marinello. Trabalho dobrado. Gêmeos. Cansada, a parteira parou em frente à casa de Durvalina. Sua casa ainda distava uns 150 metros. Na mesma rua. Durvalina veio à porta e repetiu. Entre a luz e a escuridão, um dia se invertem o fim e o começo. Esse dia ainda vai chegar. A parteira não deu comentário. Seguiu em direção a sua casa.

Uma semana depois, foi a vez de Ronaldo. Ia em direção à casa da mãe. No caminho, viu Durvalina à janela. Madalena, a gata, a seu lado. A anciã com o cachimbo na boca deu uma bafurada. E alertou o coveiro que lhe acenara. Entre a luz e a escuridão, um dia se invertem o fim e o começo. Esse dia ainda vai chegar.

O homem fez o sinal da cruz. Apressou o passo. Na casa de Andriela contou à mãe o que ouviu da outra mulher. A mãe lhe disse que também ouvira de Durvalina a mesma coisa. Ronaldo lembrou e comentou que Rodrinaldo também ouvira. Andriela encerrou o assunto. Que deixasse a velha pra lá. É maluca!

A partir desse dia, todo e qualquer cristão que encontrasse Durvalina era avisado. Alguns riam. Troçavam da velha. Entre a luz e a escuridão, um dia se invertem o fim e o começo. Esse dia ainda vai chegar. Era o aviso. Chamavam de caduca. Outros apressavam o passo. Benziam-se.

Com o passar dos dias, muitos começaram a evitar Durvalina. Afastavam-se quando notavam que se aproximava. Desviavam de caminho para não passar em frente a sua casa. Mas, às vezes, alguém era surpreendido pela anciã. Ela chegava de mansinho. E gritava. Entre a luz e a escuridão, um dia se invertem o fim e o começo. Esse dia ainda vai chegar.

O tempo passou. Até aquele dia... Andriela acordou com contrações muito fortes. Da noite para o dia, uma barriga imensa se formara. Gritava. Muito. Alto. Vizinhos escutaram. Assustados, foram atrás de Ronaldo. Ele entrou no quarto da mãe. De quatro, de suas entranhas saía uma massa disforme. Vermelha de sangue. Sem pé. Sem cabeça. Como se fosse uma bola de carne. Ao ver o que acontecia, Ronaldo amparou a mãe. Desfez-se da massa disforme na privada da casa. Ao voltar para o quarto da mãe, caiu duro para trás. Morto.

Nuvens escuras esconderam o sol. Andriela se recuperou. Pegou o filho. Enrolou em um lençol. Teve ajuda dos vizinhos e de Rodrinaldo. Ainda no escuro, o cortejo foi em direção ao cemitério. Andriela enterrou o filho. Na volta para casa, ouviu do neto. Entre a luz e a escuridão, um dia se inverterão o fim e o começo. Esse dia chegou.

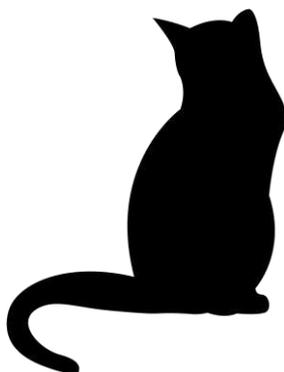
Nesse momento, Durvalina e Madalena surgiram à janela. E o sol se mostrou enquanto as nuvens escuras se dispersavam devido à forte ventania que começou a soprar. Isso tudo foi antes de seu sumiço.

Depois que Durvalina escafedeu-se pelo mundo, as coisas se aquietaram no vilarejo. Andriela deixou de fazer partos no vilarejo. Rodrinaldo se acostumou com ausência do pai. Rosália e Marinelvo cuidavam dos gêmeos. Era o primeiro caso no vilarejo. Os últimos a serem recebidos por Andriela. De vez em quando, os quatro iam visitar Andriela. Em uma dessas visitas, ao passarem em frente à casa de Durvalina, no caminho para a de Andriela, notaram movimento. A janela estava aberta e Madalena havia voltado. Tomava o sol do meio da tarde no canto esquerdo da janela.

Quando chegaram à casa da antiga parteira, contaram a novidade. Andriela disse não ter visto ninguém na casa. Depois da visita, Rosália, Marinelvo e os gêmeos voltaram pelo mesmo caminho. Lá estava Madalena, ainda na beirada da janela. Ruídos dentro da casa. Marinelvo resolveu verificar. Abriu o portão e entrou. Nesse momento foi atacado por dois cães. Negros e de olhos vermelhos.

Rosália ficou paralisada, com os gêmeos ainda no carrinho duplo, atrás do portão que se fechara sozinho. De dentro da casa saíram Jesualdo e Durvalina. Já era tarde. O corpo de Marinelvo fora destroçado pelas duas feras. Dessa vez não houve profecia. Tampouco escuridão. Nenhuma nuvem para cobrir o sol. O casal de anciãos chamou os dois cães para dentro. Chico e Lobo entraram. A porta foi trancada. A janela também. Os vizinhos acorreram para acudir Rosália que gritava histericamente. Viram o corpo de Marinelvo. Entraram no quintal da casa, bateram à porta. Nenhuma resposta. Lá dentro, apenas o silêncio. Deodato foi chamado. Dorival veio junto. Arrombaram a porta. Nenhuma alma viva lá dentro. Nem morta.

Depois do enterro de Marinelvo, as pessoas começaram a abandonar o vilarejo. Em dez dias ficou completamente desabitado. Um vilarejo fantasma. Apenas Madalena, continuava rondando a casa de Durvalina.



**CONTO**

# *A Casa de Janela Estreita*

**POR CIDA SIMKA E SÉRGIO SIMKA  
(AUTORES CONVIDADOS)**

**CIDA SIMKA**

É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Autora, dentre outros, dos livros *O enigma da velha casa* (Editora Uirapuru, 2016), *Prática de escrita: atividades para pensar e escrever* (Wak Editora, 2019) e *O enigma da biblioteca* (Editora Verlidelas, 2020). Organizadora dos livros: *Uma noite no castelo* (Editora Selo Jovem, 2019), *Contos para um mundo melhor* (Editora Xequi-Matte, 2019), *Aquela casa* (Editora Verlidelas, 2020) e *Um fantasma ronda o campus* (Editora Verlidelas, 2020). Colunista da Revista *Conexão Literatura*.

**SÉRGIO SIMKA**

É professor universitário desde 1999. Autor de mais de seis dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série *Mistério*, publicada pela Editora Uirapuru. Membro do Conselho Editorial da Editora Pumpkin e colunista da Revista *Conexão Literatura*. Seu mais novo livro se intitula *Pedagogia do encantamento: por um ensino eficaz de escrita* (Editora Mercado de Letras, 2020).



**A**cho que gritei.

Olhei para o lado. Como minha mulher roncava solenemente, presumi que eu não havia gritado. Ou que ela não havia escutado dessa vez, pois costumava me socar quando, no meio da noite, eu acordava gritando.

Será que eu havia mesmo gritado? No entanto, o horror ainda se fazia tão nítido, tão espesso, quanto o suor que molhava a minha blusa. O coração batia mais depressa, a cabeça latejava como se eu tivesse caído no chão. Sentia-me completamente esquisito, como se meu espírito vagasse e o corpo estivesse à sua espera, para a conexão próxima.

Em um ato de quase desespero, como se as cenas de horror do sonho surgissem novamente à minha frente, espreitando-me da escuridão do quarto, de trás das cortinas da janela, prestes a me envolver, acendi a luz da luminária e... respirei aliviado, o coração voltando a bater normalmente. Havia mesmo parado por um segundo?

Olhei para os lados, nem a luz ofuscou o sono de minha mulher. Voltei a dormir, deixando a luz acesa por precaução, para que as sombras permanecessem ocultas e não pudessem rivalizar com a minha pseudotranquilidade recém-adquirida.

É que eu havia sonhado novamente com aquela casa. Eu me amaldiçoo até hoje por ter tido a infeliz ideia de pôr os olhos nela, de ter ousado encarar suas sombrias saliências, seu pórtico ameaçador, suas escadas infernais e, sobretudo, aquela janela estreita, completamente fora do ângulo normal de uma janela comum.

Foi no mês passado, em um fim de semana prolongado, quando eu e minha mulher decidimos aproveitá-lo, indo a uma cidade do interior, onde a tia dela tinha uma pequena chácara.

Havíamos chegado bem cedo. Após os cumprimentos habituais, passei a explorar os arredores, pois minha mulher, como já conhecia o lugar, ficou ajudando a sua tia a preparar o almoço.

Após a cerca de arame farpado que circundava a propriedade, havia uma estradinha de terra, que me levou até uma curva, no fim da qual parei estupefato, pois a mata se fechava a poucos metros de onde estava. Ou seja, não havia saída. Resolvi então voltar, quando ouvi um barulho atrás de mim. Virei-me rapidamente, mais assustado do que com medo (medo de quê?), e percebi as folhagens mais à frente se mexendo, como se houvesse alguém escondido e, por alguma razão, saiu do esconderijo apressadamente.

Como não tinha mais nada interessante a fazer, aproximei-me do local e removendo com cuidado as folhas da vegetação, notei que mais à frente a estradinha continuava. Segui então seu curso e não demorou para eu encontrar uma construção que parecia abandonada, a julgar pelo seu estado de decrepitude. O mato cobria quase tudo, à exceção da porta principal e de uma janela que até então não dei maior atenção.

À medida que me aproximava do lugar, notava os muros semidestruídos, o portão de ferro semiaberto, o jardim tomado certamente por ervas daninhas ou o que quer fossem aquelas plantas. O telhado parecia prestes a desabar a qualquer momento, a chaminé... de repente soltou uma fumaça negra.

Suspeitei que houvesse alguém ali, que por acaso estivesse à minha espera. Não sei por que esse pensamento subitamente surgiu. E tão rápido quanto apareceu, me vi, não sei como, entrando por aquela porta e indo em direção da cozinha. O calor ali era mais intenso do que lá fora, comecei a suar. Para meu espanto, deparei-me com uma mulher de costas, próximo ao fogão, mexendo vagarosamente numa enorme panela. Não ousei me aproximar, mas percebendo minha presença, a mulher se virou para mim e num sorriso sem dentes, largou o utensílio com o qual mexia a panela, pôs a mão dentro dela e ergueu algo que nunca vou esquecer em toda a minha vida: por Deus do céu, ela segurava a minha cabeça!

De repente, me encontrei de volta no jardim. Ergui o olhar para a casa e foi aí que notei aquela janela estreita. A velha estava lá, sorrindo desafiadoramente para mim, e num segundo, pelo vão daquela janela, levantou o seu macabro troféu.

Corri que nem um louco até a chácara. As pessoas presentes, ao observarem o meu estado de aflição, vieram me socorrer.

— O que aconteceu? Parece que viu uma assombração — disse minha mulher.

— Vocês não vão acreditar no que eu vi — consegui responder, após me refazer e tomar um copo de água com açúcar.

Os tios de minha mulher trocaram olhares preocupados.

— Conta logo, deixe de frescura — continuou minha mulher.

Contei-lhes o que eu havia visto.

Um silêncio fúnebre se abateu sobre todos.

— Não duvido do que está dizendo — cortou o silêncio dona Nina, tia de minha mulher —, mas a construção não existe mais, ela desabou há muito tempo, soterrando a única moradora, dona Severina, que Deus a tenha. Em seu lugar, foi construída uma lápide.

Pus em dúvida a afirmação de dona Nina. Resolvi mostrar-lhes que eu não estava delirando.

Chegando ao local, qual não foi minha surpresa, havia apenas a lápide semidestruída. Relutava em acreditar nos meus próprios olhos, mas a existência da campa era inegavelmente dolorosa.

Por um instante, não sei por quê, olhei para trás. Avistei novamente a casa e da janela estreita, a velha, dona Severina, sorria para mim. Não vi a minha cabeça.

No entanto, quando acordava gritando durante a madrugada, o que eu me lembrava nitidamente era a dona Severina, da janela estreita, segurando não a minha cabeça e sim a da minha mulher!



**POEMA**

# *Corpo*

**POR IGOR MORAES**

**Igor Moraes nasceu na cidade de São Paulo/SP. É técnico em telecomunicações e bacharel em Direito. Foi bolsista do CNPq e desenvolveu projetos para a coleção O que é ser cientista? da Universidade Federal do ABC.**



Foi há anos já, mas me lembro  
Naquele parque a beira mar  
Que conheci aquela pessoa,  
Aquele, que soube me amar

Foi sozinho com ela  
Que meu corpo celular  
Sofrido e largado  
Foi acariciado e concertado

Agora me toco solitário em nossa cama  
Abraçado por lembranças tais  
Comprimido em meu corpo  
Entre lágrimas dizendo: nunca mais



CONTO

# *Demolição*

POR ADNELSON CAMPOS

**Adnelson Campos, 57 anos, Administrador, mora em São Mateus do Sul- PR. Possui mais de cem contos publicados em antologias impressas e digitais. [www.adnelsoncampos.com.br](http://www.adnelsoncampos.com.br). Assina a coluna Prismas em [www.gazetainformativa.com.br/category/prismas/](http://www.gazetainformativa.com.br/category/prismas/)  
É autor de histórias que as estrelas contam – um pouco de astronomia para adolescentes.**



Homero dirigia pela estrada acidentada em meio a pequenos morros e colinas onde ainda se preservava o pouco da mata original. Baixou os vidros do carro para aproveitar um pouco do ar da bela manhã ensolarada, porém, dependendo da direção do vento, o que vinha era o odor desagradável dos criadouros de porcos que movimentavam a economia local. Num tempo não tão distante, era a madeira que dominava o comércio e a indústria da região.

Ele procurava conhecer um pouco da história de cada lugar, de cada casa que demolia. Era uma forma de valorizar os móveis que construía e os objetos antigos que recuperava para vender como material de demolição. Então, repetia aos clientes os relatos ouvidos geralmente de gente mais velha.

Sentia o corpo cansado. A obesidade e o sedentarismo faziam mal para a sua saúde. Já era mais velho e precisava mudar a rotina. Encontrar companhia se tornou mais difícil depois de tantos relacionamentos frustrados, mas tinha certeza de que ainda encontraria o amor da sua vida.

Nessa viagem visitaria uma casa há muito abandonada, desde a época da guerra na Região Contestada por Paraná e Santa Catarina. Diziam que foi construída por índios escravizados pelo Major António Salazar, um velho soldado vindo de terras paraguaias e que arrastou por quilômetros muitos guerreiros guaranis. Ocupou terras dos pobres bugres e dos membros da Irmandade, um bando de fanáticos, que seguiam os ensinamentos de um Monge que percorria a região e que parecia existir por gerações. Todos esperavam pelos seus milagres.

Protegido por alguém da República, Salazar conseguia se manter em meio aos militares que combatiam o Exército de São Sebastião. Instalou-se, mesmo com o controle da Lumber que explorava a madeira em nome do progresso e construía a ferrovia. Era odiado por todos. Já não bastasse uma bandeira americana hasteada perto dali, também havia o velho soldado da Guerra do Paraguai instalado no lugar.

Contavam também que o Major, octogenário, tomou para si Anahi, uma bela índia guarani, de apenas dezesseis anos.

Impotente, porém possessivo, a mantinha trancada num quarto secreto, construído na imensa casa de madeira. Ninguém conseguia acesso a ela, pois os homens que construíram o velho casarão, foram todos mortos após concluírem o serviço.

Alguns anos depois o homem morreu, dizem que louco. Porém Anahi nunca foi encontrada. Como o Major não tinha filhos, a casa foi ocupada por homens do exército. Desde então, coisas estranhas aconteciam.

Ao final das batalhas do Contestado, as terras foram divididas por moradores do local, porém a casa nunca foi ocupada. Diziam que a maldição do Monge fazia com que as pessoas que ocupassem o local, mesmo que por uma noite, teriam o mesmo fim que Salazar: loucura e suicídio.

Quando Homero chegou, percebeu a casa, construída no alto de uma colina. Curiosamente, a mata fechada no lugar, se abria em volta dela, que apesar do tempo, parecia ainda muito sólida, mesmo construída sem um único prego. Também conservava parte da tinta aplicada originalmente.

Pegou um facão que guardava no carro e abriu caminho até chegar mais perto. Uma varanda tomava conta de toda a fachada principal da casa, adornada com lambrequins. Nas janelas, alguns vidros coloridos sobrepunham o fechamento em madeira. Parecia tudo perfeitamente encaixado. Seria ótimo para os negócios ter um melhor aproveitamento do material.

Com cuidado, subiu a pequena escada que dava acesso a porta principal. O assoalho, apesar do rangido, parecia firme. Apoiou-se na madeira do baixo parapeito, construído sobre balaústres perfeitamente torneados. Olhou para a vista: deslumbrante.

Parou para escutar o som das águas de um riacho, com uma pequena queda d'água, podia se presumir. Neste momento, o vento começou a soprar mais forte e produzir sons quando passava pela imponente construção e pelos galhos das gigantes araucárias também preservadas. O assovio formado parecia trazer consigo um gemido, súplicas. Por um instante pareceu ter ouvido uma voz feminina, numa língua não familiar: "*Che rohayhu yma guive*".

Sentiu seu corpo arrepiar, mesmo sem entender o significado das palavras. Só poderia ser a sua própria imaginação — pensou ele. Ao menos não era o Major querendo tomar conta da sua alma — Sentiu-se aliviado, embora não acreditasse em histórias fantásticas. Foram tantas as casas demolidas e em nenhuma delas percebeu algo de sobrenatural, muito embora algumas delas também se supunha fossem amaldiçoadas ou assombradas. Apenas folclore local, acreditava.

Havia tirado a sorte grande. O casarão tinha muito material aproveitável. No interior da casa encontrou móveis e objetos desgastados pelo tempo e pó, mas que poderiam ser recuperados e adaptados com certa facilidade.

Puxou o telefone do bolso e fez várias fotografias. Também tomou nota do que deveria ser feito na retirada do material da casa. Ainda precisava convencer o fiscal da prefeitura a autorizar a retirada do material. Nada que um pouco de dinheiro e um presentinho não pudesse resolver.

Quando se aproximou da cozinha, havia cheiro de fumaça, porém nem sinal de fogo. Depois, o aroma de tabaco queimado tomou conta do ambiente. Sentiu-se seguro, o facão que antes carregava, estava sobre a sólida mesa construída com uma única e larga prancha do que um dia teria sido uma imponente imbuia.

Empurrou uma janela, o vento invadiu a casa e junto com ele a mesma voz em tom de súplica: "*Che rohayhu yma guive*". Com a voz, veio também o perfume de rosas. Sentiu-se atraído por ele. Começou a percorrer a casa desesperadamente tentando chegar a fonte de tão inebriante odor. Chegou a uma parede, aparentemente sólida, mas o perfume vinha de lá. Começou a examinar a madeira aplicada. Não havia abertura, nem uma ventilação aparente. Precisava de alguma ferramenta para examinar melhor. Quem sabe no carro tivesse alguma.

Ouviu um ruído estranho. Havia mais alguém na casa. Os passos eram lentos, cuidadosos. Apanhou um pedaço de madeira. Esperou. Ouvia-se um grito estridente e passos rápidos em fuga. Homero sentiu o corpo todo arrepiar. Parecia preso ao chão, no primeiro instante, depois correu em direção a saída e ao encontro dos passos que ouvia.

Quando chegou à varanda, encontrou o sujeito da prefeitura pálido, assustado. O homem não conseguia falar.

— Boa tarde! O senhor me assustou. Por que gritou? — perguntou Homero.

O homem levou ainda alguns segundos para conseguir folego.

— Não fui eu! Me arrependi de ter entrado. Dizem que quem entra na casa não sobrevive.

— Tudo tem uma explicação lógica. Não esperava encontrá-lo hoje.

— Sabe como é, cidade pequena. Disseram ter visto um carro em direção à casa do Major. Deduzi que fosse o senhor. Aí pensei que poderia me adiantar algum pela autorização de demolição da casa. Gostou do que viu?

— Eu esperava um pouco mais, — disse Homero pensando em melhorar o negócio — mas estou interessado assim mesmo.

- Só vou lhe autorizar a demolir a casa pagando a taxa combinada!
- Depois de avaliar a casa, só posso pagar dois terços do que me pediu. Posso lhe entregar o dinheiro agora mesmo. Caso não aceite, passo a noite na cidade e na manhã seguinte vou visitar um outro casarão aqui perto.
- Está bem, fechado! — respondeu o sujeito de cara emburrada, que salientava ainda mais o enorme nariz e a verruga assustadora no canto da boca.
- Acho que vou, já está tarde, na próxima semana envio uma equipe com caminhões e ferramentas.
- É melhor desmanchar esta casa logo, quem sabe os fantasmas e suas maldições vão com ela.
- Bobagem!
- Então não ouviu a voz, não sentiu o perfume?
- Sim, pareci ter ouvido uma voz, parecia uma súplica numa língua estranha.
- É tupi-guarani: *Che rohayhu yma guive*.
- O que quer dizer?
- Não sei Tupi-guarani, mas dizem que é algo como “tenho esperado por você!”
- Deve ser só o vento passando pelas araucárias e que repete um padrão.
- Bem, já tenho o meu dinheiro, melhor a Prefeitura já tem a sua taxa. Se não se importa, não quero esperar por Anahi, nem que ela me espere.
- Até qualquer dia!
- Homero concluiu que tinha tudo o que precisava. O homem da Prefeitura não o perturbaria mais. Decidiu partir. O dia fora cansativo e ele já tinha o que precisava. Na volta ficou pensando como seria a figura da jovem Anahi, uma verdadeira lenda, pensou. Na semana seguinte, foi com a equipe para os trabalhos de demolição. Deixou os equipamentos com os trabalhadores e foi até a cidade se certificar de que o alojamento estava preparado e que havia mantimentos para a semana.
- Quando chegou na pensão, a senhora que tomava conta manteve a cabeça baixa, mas demonstrava preocupação. Percebendo, Homero a questionou se estava tudo certo, se o preço combinado lhe satisfizera.
- Não tenho certeza se poderá me pagar.
- A senhora não me conhece, mas o que está combinado é certo. Costumo honrar meus compromissos.
- Não questiono isso, o senhor me parece honesto. Mas não tenho certeza se sobreviverá para me pagar.
- Já sei, o casarão é amaldiçoado, quem entra nele não sobrevive.
- Pode parecer bobagem, eu sei. Mas o Cláudio foi mais uma vítima.
- O Cláudio Costa, o fiscal da prefeitura?
- Ele mesmo. Dizem que ele foi até o casarão na semana passada, entrou. Depois disso ficou alucinado. Tirou a própria vida, com uma faca cravada no peito. Seu corpo, como todos os outros, sem uma gota de sangue. Antes de morrer, gritava: eu quero lhe encontrar!
- Com fome, Homero foi até a padaria, tomar um café. Só o que se falava era sobre a morte do fiscal e da maldição do casarão. Todos olhavam para ele com olhar de preocupação. Na verdade, todos acreditavam que ele seria mais uma das vítimas.
- A atendente se aproximou e despejou o café e o leite na xícara dele. Perguntou:
- O senhor entrou na casa?
- Sim, na semana passada e hoje pela manhã.

— Então aproveite a oportunidade que a vida lhe deu e vá embora, a menos que queira ser o próximo.

Apressou-se com o café. Talvez fosse melhor acabar tudo logo e partir. Não podia deixar que sua equipe se abalasse com a história. Ele mesmo precisava contar-lhes, para evitar medo ou preocupação.

Quando chegou ao casarão, tudo estava muito silencioso. Mal tinham começado a trabalhar e já estavam descansando — Pensou.

As araucárias voltaram a ter os galhos balançados pelo vento: *Che rohayhu yma guive*.

O perfume de rosas tomava conta da casa. Ele foi entrando, procurando pelos homens. O único ruído era o de um pequeno rádio a pilhas, fora da faixa de sintonia. Quando chegou ao cômodo que visitara pela última vez, na semana anterior, a parede estava aberta. Aparentemente os homens haviam descoberto como abri-la ou alguém de dentro o fez. No chão, os corpos dos cinco homens que compunham a equipe. Pela disposição dos corpos, pareciam ter se digladiado, com as ferramentas que possuíam. Os corpos pálidos, sem uma gota de sangue derramado ao chão.

Pensou em correr, mas o perfume se acentuava, vindo depois da parede. Isto o atraía. Ele parecia anestesiado. Tudo o que queria era descobrir de onde vinha o cheiro.

Entrou. Havia uma escada que descia até o que poderia ser descrito como uma adega, escavada na rocha. Uma pequena abertura permitia a entrada de pouca luz, por uma estreita janela em vidro sujo pelo tempo.

Apanhou o telefone celular do bolso. Ligou a lanterna. Apontou para o fundo do ambiente. Sentiu sua espinha gelar. A luz refletia em dois olhos negros como a noite, olhos que pareciam não reagir a luz.

A boca sussurrava: *Che rohayhu yma guive*. Os negros cabelos quase tocavam os pés da moça com belo corpo, seminu.

Tudo o que Homero queria era tocar aqueles lábios. Foi o que fez. Nunca encontrara tanta beleza numa só mulher.

Sentia-se bem, não percebendo que suas energias desapareciam. Ao final, Homero sentiu uma dor insuportável quando o coração lhe foi tirado do peito pelas mãos de longas unhas e de força descomunal. Salazar ainda não desistira de afastar os homens de sua Anahi. Se transformava atraindo cada um que se aproximava, os enlouquecia ou sugava suas forças como forma de perpetuação.

Homero caiu no chão, ao lado dos restos do que um dia foi uma bela jovem. Envolta em sua fíbula, uma argola presa a uma corrente fixada na rocha.

A parede voltou a se fechar. O casarão ainda abrigaria por um bom tempo a maldição do Monge e seus fanáticos.



**CONTO**

# *Virgínia e Eu*

**POR MÍRIAM SANTIAGO  
(AUTORA CONVIDADA)**

**Míriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.**

**Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>**

**Contato: [miriansssantos@gmail.com](mailto:miriansssantos@gmail.com)**



Suas últimas palavras foram dedicadas à Virginia, um poema em que ele eternizou a amada ao doce sabor da beleza eterna, sentimentos tão apurados em seu leito de morte. E ditando cada sílaba da poesia sua voz foi ficando baixa e fraca, mas ele continuou até o último ponto final. Consegui levar os versos à publicação em um jornal. Fiz uma cópia colocando no terno em que Poe foi sepultado, assim como a única foto de Virginia que ele carregava no bolso da calça, uma fotografia gasta, mas que ainda refletia a beleza do rosto angelical.

Ele não teve velório, assim que deixou o Washington College Hospital onde permaneceu em seus últimos dias de vida, mas consegui com que os poucos amigos e alguns conhecidos fossem prestigiá-lo no enterro. Derrubei as últimas lágrimas ao ver o caixão ser coberto de terra. Minha mente divagava em não aceitar que se fora aos 40 anos de idade, com tanto ainda a escrever. A mente brilhante e invejável que conduziu milhares de seguidores a uma literatura rica e inovadora fechou os olhos para sempre, abaixando no palco da vida a cortina de sua trajetória na terra.

Chovia muito naquela manhã de 7 de outubro de 1849, em Baltimore, Maryland. Num pestanejar, me vi sozinho no cemitério de Westminster Hall and Burying Groud. As poucas pessoas que participaram já haviam deixado o local e eu nem notara, assim como ainda segurava o guarda-chuva e já não caía uma gota. “Há quanto tempo estou aqui parado?” pensei. Mesmo assim, ainda permaneci no recinto. Poe fora sepultado na parte de trás do cemitério, sem uma lápide, já que não consegui dinheiro suficiente para dar-lhe um enterro digno e merecido.

Muita coisa passava em minha cabeça desde o dia do sepultamento e os quatro dias ao lado dele no hospital, a única pessoa que se preocupou com seu estado de saúde. Foram momentos de angústia, de sofrimento até o suspiro final. E eu acompanhei tudo aquilo. Estava exausto!

Mesmo assim, resolvi permanecer por mais algum tempo no cemitério, pois o silêncio do local me trazia paz. Peguei uns galhos de árvore e me aconcheguei em frente à cova, que estava distante uns cem metros.

Entre o pestanejar, escutei um miado que vinha de longe, baixinho. Deixei prá lá, pois meu corpo estava bem ajeitado na folhagem e o sono veio de mansinho, e deixei-me levar por esse momentâneo descanso sentindo a brisa fresca de outono. Mas um de meus ouvidos deixou chegar o som do miado, que parecia mais alto.

Abrindo os dois olhos, vi um gato preto rondando a cova de Poe. Ele andou por cima da terra que cobria o caixão do mestre bem devagar até perceber que eu o assistia. O bichano me olhou fixamente e rosnou mostrando os dentes. Aquela imagem me deu um baita susto que me fez levantar e permanecer onde estava ficando em estado de alerta. Ele, porém, virou-se e começou a cavar e a cavar sem parar.

Levei as mãos aos olhos fechando-os, mas ao abri-los, o gato continuava na terra, como se quisesse enterrar alguma coisa bem fundo ou desenterrar. Essa última ideia me deu um calafrio! Mas a insanidade do bichinho durou pouco, pois ouvi o grelhar se aproximando, som tão alto que tapei os ouvidos. E o que me fez tontear foi a sombra refletindo pássaros que sobrevoavam à minha altura, eram corvos, tantos, que não os conseguia contar. O medo me fez correr e me afastar quando várias aves desceram e levaram o gato, ficando apenas uma pousada em cima da cova.

Aquilo não poderia estar acontecendo. Nessa altura em tremia inteiro e suava frio. O corvo que grelhava sem parar foi diminuindo a intensidade até ficar quieto e sair de cima da terra amparando-se em um galho próximo.

Firmei meus olhos na cova ao ver a terra se mexer como se alguém estivesse cavando. Não, aquilo não estava acontecendo! O corvo com o bico aberto se aproximou

quieto. E mais e mais a terra foi sendo mexida até que um braço do buraco se ergueu e depois o outro. Segurei o grito com as duas mãos à boca. Eu suava tanto que toda a minha roupa estava encharcada e os pingos que caíam de meu cabelo molharam meus olhos. Cai de joelhos com a mão ao coração ao ver o mestre se levantar de sua cova e apontar-me.

Estava tendo um ataque, tremia inteiro e mal conseguia respirar. Minha respiração e o batimento cardíaco confirmavam o que sentia, e como doía o lado esquerdo do peito!

O mestre então caminhou todo sujo de terra em minha direção e ao apontar para mim, apaguei por completo. Ao acordar estava no hospital com uma tremenda dor de cabeça.

— O que o senhor estava fazendo no cemitério até àquela hora sozinho? — pergunta Melanie.

— Senhor? Desde quando eu sou senhor para você, responde Antony, chateado pelo modo como a grande amiga o chamou.

— Sim, mas em respeito eu...

— Respeito do quê? — Questiona em tom ríspido mais uma vez Antony. Fomos criados juntos, sua família sempre esteve ao lado da minha, você e sua mãe são a minha única família agora, já que meus pais faleceram e não tenho irmãos. E para de sentir-se inferior porque a senhora Jamie, sua mãe, que sempre esteve ao lado da minha é mais que uma governanta, é uma verdadeira amiga. E daqui um ano completarei a maioridade e herdarei todos os bens de meu pai.

— Você não sofreu um ataque por pouco. O que aconteceu? Indaga Melanie.

— Hoje foi o sepultamento de meu grande mestre, o escritor Edgar Allan Poe, é o dia mais triste após a morte de meus pais. Assim que todos foram embora do cemitério não tive coragem de abandoná-lo, de deixar o lugar e fiquei por mais um tempo. Daí coisas estranhas aconteceram.

— Estão falando por aqui que você está pirado como esse seu amigo falecido.

— Não fale assim, as pessoas não sabem o que dizem, meu mestre não era um pirado, ele foi um homem que sofreu muito nessa vida, mas sempre teve a mente brilhante.

— Estou recordando o que ele veio cobrar, achei que fosse porque foi sepultado atrás do cemitério e sem lápide, ainda não tenho dinheiro, gostaria de ter feito um enterro melhor como prometi, mas não consegui, então pensei que ele veio me cobrar isso.

— Ele veio, como assim? O homem não morreu?

— Sim, mas vamos deixar para lá. Agora com mais calma minha mente está recobrando a memória do que ele falou...

... E como num flash back, bem lentamente vi o mestre vindo todo sujo de terra, os cabelos desgrenhados, cambaleando apontou e falou bem devagar: as cartas, você não as colocou junto a meu corpo, não posso atravessar para o outro lado sem essas cartas...

— Sim, diz Antony, vou precisar de sua ajuda, tenho que encontrar essas cartas, preciso procurar na casa dele, assim que sair daqui.

E Antony pediu alta ao médico, estava prá lá de ansioso para encontrar as tais cartas. Ao chegar a sua casa montou um plano com Melanie e partiram, sem falar nada à senhora Jamie.

A casa de Edgar Allan Poe (tornou-se museu) na 203 North Amity St. em Baltimore, Maryland, foi visitada por Melanie e Antony logo cedo. A residência estava fechada para aluguel, e Antony então disse que os noivos estavam procurando um imóvel para alugar e precisavam ver o estado.

E o plano de Antony deu resultados, pois ele conseguiu achar as tais cartas, rapidamente as colocou em uma pasta que carregava dizendo ser do escritório, e os dois foram embora dizendo que estudariam a proposta do aluguel.

Ao começar a ler as cartas, Antony se deu conta do que tinha em mãos, em seu poder, e sabia que muito poderia fazer ainda pelo escritor. E ficou imaginando quanto de amor e poesia da vida reinavam naquelas linhas de cada folha. Eram tantas cartas, de todos os momentos em que passou ao lado dela, desde quando foi morar com ela e a tia, pois eram primos, até quando se casaram em segredo e nos momentos finais da vida dela.

Baltimore, 24 de maio de 1835.

Virgínia, meu eterno amor, minha luz de cada dia, motivo pelo qual sou alegria e tristeza, bem e mau, homem e criança. Juntos, sou mais forte e consigo vislumbrar o futuro. Sem a tua presença minha vida torna-se apenas passagem, sem o gosto de ter vivido de verdade...

Baltimore, 07 de junho de 1835.

Virgínia, casa comigo, vamos, agora!

Para quê aguardar mais tempo se podemos ser felizes momentaneamente.

Virgínia, diz que me ama, que deseja ser minha esposa, a única por quem tive coragem e vontade de levar até ao altar, não da igreja, com toda aquela pompa, mas no altar verdadeiro, abençoado pelo Altíssimo na mais profunda pureza...

Até as cartas finais, quando a esposa muito doente, dava sinais que não iria resistir...

New York, 20 de janeiro de 1837.

Virgínia, sinto que as linhas de nosso amor estão chegando ao fim, que serei vencido pela doença, pela tuberculose, que devagarinho chegou até você e penetrou no teu ser levando-te e tirando-te de mim.

Desgraçada e amarga é a solidão dos dias em que não estás ao meu lado, mas também ver-te tão fraca, deitada quase sem vida, não tenho forças para prosseguir assim dessa forma...

E a cada carta do mestre Antony mergulhava todo o seu ser, chorava e lia, relia, até que resolveu transformar todo aquele material que tanto Edgar queria com ele, a sete palmos da terra, em um romance acessível a todos, para mostrar ao mundo que Poe não era somente um escritor sinistro, como muitos pensavam, mas um homem apaixonado.

Antony aproveitou o seu emprego na editora, que teve a honra de aprender muita coisa com o escritor, para apresentar o projeto ao editor-presidente e em menos de seis meses, após ter feito o maior sucesso nos folhetins, finalmente conseguiu editar a última história da vida do mestre, a mais verdadeira do escritor, intitulada: “Virgínia e eu”, as cartas secretas de Edgar Allan Poe. Romance organizado por Antony Francis.

E assim com todo esse sucesso, Antony foi promovido, e chegou a maioria recebendo a herança assim como o pai deixou em testamento. Completou a felicidade pedindo a mão da senhorita Melanie, sua amiga de infância e único amor de sua vida, e ainda deram sorte em conseguir alugar a casa que pertenceu ao escritor, Antony depois de um ano de aluguel ofereceu um preço irrecusável e conseguiu o imóvel, transformando-o em Casa Museu de Edgar Allan Poe, mantendo a memória viva do mestre para sempre.

Mas a história não terminou por aí.

Antony ainda tinha uma última dívida a saldar. Ele conseguiu finalmente, enterrar o mestre na parte da frente do cemitério e colocar uma lápide na cova desconhecida, conseguiu ainda colocar todas as cartas dentro do caixão, já que pagou muito pelo segundo enterro, realizando o que prometera outrora ao mestre.

E nesse dia mesmo após terminar a cerimônia o mestre apareceu a ele mais uma vez, não tenebrosamente como fora no cemitério, mas ele veio num sonho, estava com a amada e ambos sorriam com as cartas na mão, finalmente ele conseguiu encontrar Virgínia no outro lado e provar o verdadeiro amor, inabalado por toda a eternidade. E Antony acordou satisfeito pelo sucesso em poder prosseguir com as obras do mestre, levando seu nome e suas histórias aos quatro cantos do mundo!



**POEMA**

# *Never more!*

**POR GUILHERME ESMANHOTTO**

**(31 anos, curitibano, diplomata. Trabalha na embaixada do Brasil em Atenas.)**



Grunhiu o corvo no meu quarto escuro  
e eu me deprimi por um instante.  
Fiquei assim por um tempo  
Deitado na cama  
Deprimido  
Pensando que “nunca mais” era uma péssima tradução.

“Nunca mais” não era grunhido de corvo, era som de pássaro tropical  
Tal bem-te-vi  
Talvez nome de planta carnívora antropofágica amazônica  
Mais venenosa que comigo-ninguém-pode.

Abri a janela, deixei o sol entrar  
O cheiro e o barulho do mar  
Ouvi, ao fundo, o piado despudorado de um nunca-mais  
E pensei  
*“never more”* nunca mais.



CONTO

# *O Espelho Amargo*

POR MARIA DE FÁTIMA MOREIRA SAMPAIO

**Maria de Fátima Moreira Sampaio, psicóloga, advogada, escritora, radialista, apaixonada por literatura e dramaturgia. Mãe de duas filhas maravilhosas. "Acredito que o amor, a fantasia e a literatura fazem da vida o melhor lugar para estar."**



**J**aneiro de 1840. Anne estava de volta ao casarão que deixou abandonado depois da morte da sua mãe. Situado em uma pequena rua sem saída, a arquitetura da imensa construção se destacava pelo colorido de suas portas e pelas grades que circundavam o pequeno jardim em seu entorno. Era uma manhã gelada naquele inverno rigoroso que impedia de ver as matizes das cores da velha construção. Anne abriu o pequeno portão que dava acesso ao interior da casa.

“Ah!” Os dedos dela se enroscaram no ferrolho cortando seu dedo indicador.

“E agora vou ter que fazer a limpeza com a mão machucada! Deveria ter chamado o caseiro para me ajudar.”

“Bom, dia! A senhorita mora nesta casa? Desejo boa sorte, mademoiselle!” Estas foram as palavras de boas vindas de um homem com um tabuleiro de pães, passando agora por seu jardim.

Ao que ela respondeu: “Au revoir!”

Ao adentrar na casa, Anne parecia sentir o cheiro da sua mãe. Ela viveu vinte anos naquela casa que fora seu altar de alegrias e tristezas. Anne olhou para as altas paredes que faziam um desenho oval pelo salão principal e quase conseguia ouvir a voz de sua mãe: “É você, querida?” Aquela voz cheia de vigor, uma alegria contagiante que foi aos poucos ficando frágil e sem viço.

Anne fechou os olhos e passeou pelos móveis da sala, retirando devagar os alvos lençóis dos estofados para sentir aquela textura macia dos tecidos escolhidos por sua mãe. Cada um trazia uma lembrança, uma pequena estória que ela guardava furtivamente em sua memória. Suas lágrimas inevitavelmente desceram pela face, ao sentar naquelas largas cadeiras que antes abrigavam tardes de chás, fatias de baguette com geleias e manteiga. Anne detestava chás de qualquer sabor, por isso sua mãe tinha sempre pronta uma garrafa com café muito quente para ela.

Anne levantou em direção a cozinha. Talvez ainda estivesse lá a garrafa de café que sua mãe tanto gostava. A cozinha era grande, com largos balcões e uma imensa mesa para receber a família e amigos. Assim era a imagem de sua mãe. Uma mulher alegre que adorava as longas conversas, música e o colorido das flores.

Anne se aproximou do janelão e viu as pequenas roseiras vestidas de neve esparramadas pelo jardim. Estavam ressecadas e talvez estivessem até mortas.

“Onde estará a garrafa de café?” Ela começou a procurar pelos armários até encontrá-la. A segurou como se fosse um troféu por seus dias de luto. Esta sensação a deixou constrangida. Absurdamente desconsertada. Como poderia ficar feliz por encontrar um objeto tão sem graça? Estava um pouco cansada. Puxou uma cadeira para sentar e ao fazê-lo percebeu que seu vestido estava manchado de sangue.

‘Sangue? De onde veio isso?’

Imediatamente viu sua mão ferida e percebeu que o corte era um pouco maior do que imaginara.

“Haverá algum remédio para aquele corte? Talvez não. Precisava de água e sabão. Procurou no balcão, outra vez nos armários, mas eles estavam vazios.

“Talvez em algum quarto”.

Anne se encaminhou para procurar algum bálsamo, um antisséptico para aquele ferimento. Ela contornou a imensa mesa da cozinha e foi até as escadas que levavam ao primeiro andar. Ao passar pela mesa, Anne teve a impressão que havia deixado a garrafa de café sobre ela, mas, para seu espanto, a garrafa estava sobre o balcão. Talvez a procura nos armários a fez coloca-la lá. Claro, só poderia ser isso.

Ao chegar no salão, ela ficou diante daquela majestosa escada de ferro que se lançava para cima como um convite ao passado. Anne iniciou sua caminhada por ela, tocando a superfície fria do corrimão. Pareciam as mãos geladas de sua mãe quando estavam em seus últimos dias. A sua tez pálida, seus olhos fundos pelas noites tomadas pelo cansaço a levaram a subir e descer aquelas escadas centenas de vezes. Talvez se tivessem ido morar em algum lugar com verões mais longos... Mas aquele inverno em Paris a matou mais rapidamente. Paris... Sua mãe e seus sonhos fizeram com que seu pai as levassem para aquele casarão que herdara de seu pai porque sua mãe gostava de ver o brilho da cidade-luz. Poderia tê-lo vendido e começado um negócio rentável, mas ele preferiu fazer de um sonho uma realidade. Ainda que a maioria dos anos ali tenham sido passados com tristeza.

Anne cruzou o mezanino que dá acesso aos quartos para encontrar água e sabão. Quando se dirigia para o quarto que outrora fora dela, algo chamou sua atenção. Ao olhar para a porta do quarto que fora de sua mãe, percebeu que ela estava entreaberta. Talvez o vento ou a fechadura velha... quem sabe... Resolveu ir até lá para trancar a porta.

Ao tocar no trinco viu que ele estava intacto, porém, a mobília do quarto parecia bastante desarrumada. Alguém estivera ali? Anne entrou no quarto um tanto irritada. Alguém havia mexido nas coisas do ambiente. Postas do armário de roupas entreabertas, e as gavetas da penteadeira no chão e com os pertences de sua mãe espalhados. Ela pensava que ninguém havia estado ali desde a morte de sua mãe, já que seu pai falecera dois meses depois e havia ficado na casa de seu tio Freddy. Algum ladrão teria passado ali?

Anne olhou para aquele imenso armário de roupas e dele se aproximou. Abriu suas portas lentamente, uma a uma, sentindo o odor das vestes que ainda estavam impregnadas pelo cheiro de jasmim, o preferido de sua mãe.

De repente um barulho enorme na porta a fez estremecer: a porta fechou, provavelmente pelo vento frio que entrava pelo recinto.

“O janelão da cozinha! Devo ter deixado aberto e agora esse vento frio inunda a casa. Vou descer para fechar. O que é isso?” perguntou ao encontrar uma espécie de diário na última porta do armário que havia aberto.

“Um diário? Minha mãe tinha um diário?”

Anne estava bastante surpresa. Nunca havia imaginado que sua mãe escrevera um diário.

Ela sentou na cama coberta parcialmente por véus e ficou a olhar para aquele caderno entre suas mãos. Estava curiosa por aquelas memórias e ao mesmo tempo com medo.

“Haverá alguma revelação escrita que não posso ler?”

O pequeno caderno estava coberto por um tecido transparente através do qual era possível ler 'MIROIR'.

Porque seu pai não lhe disse que havia algo tão precioso de sua mãe? Ou ele não sabia?

Em um impulso Anne jogou o diário no chão como se ele queimasse como fogo e levantou para fechar a porta do armário ainda aberta. Em um movimento brusco, ao bater a porta algo quebrou, espalhando-se pelo piso do quarto.

"Ahhh"!!! Anne soltou um grito de medo ao ouvir o barulho estridente. Levou as mãos trêmulas ao rosto por medo e pelo horror que o incidente lhe causou. Depois de alguns segundos foi descobrindo a face aos poucos e constatou ter sido quebrado um enorme espelho que antes estava colado na porta do armário que tentava fechar.

Anne estava angustiada e se apressou em sair daquele quarto e deixar o diário para lá. Algo lhe dizia para não ficar ali. Entretanto, seus passos não a obedeciam. Estava ali, imóvel, como se ainda precisasse fazer alguma coisa.

"O que preciso fazer?" Soluçou em gritos uma Anne deveras angustiada. A sensação de que estava sendo cobrada ou de que havia um pedido no ar não a deixou sair dali.

"Preciso ter calma. Só estou um pouco nervosa." Disse para si mesma.

Ela respirou fundo. Precisava limpar aquela bagunça.

"Sim, preciso arrumar isso aqui. Acho que a minha mãe ficaria triste em ver seu quarto tão desarrumado."

A lembrança de sua mãe penteando os longos cabelos negros naquela penteadeira a trouxe de volta às recordações mais amenas.

Ao entrar naquele quarto, todas as manhãs, sua mãe já estava desperta e a recebia com alegria.

"Já de pé, querida?"

Era sempre a mesma frase que a acolhia. Nos últimos anos, era a sua tia Frances que a penteava. Devido ao cansaço e a falta de ar, ela já não tinha forças para as coisas mais simples como arrumar o cabelo.

Sua ida foi lenta e quando ela se foi para sempre, havia um misto de alívio e tristeza para todos. Seu pai não entrou mais naquele colorido casarão que contrastava com a fatídica enfermidade de sua mãe.

Aquele dia era o retorno após três anos de sua partida.

Depois de uma breve limpeza, Anne decidiu ir embora. Queria sair dali rapidamente. Entretanto, ao tocar a maçaneta da porta, o armário abriu outra vez, agora com o que sobrou do espelho da porta caindo novamente ao chão.

"Essa não!" Exclamou aborrecida. Anne soltou a maçaneta para mais uma vez trancar a porta do armário. Entretanto, ficou paralisada ao ler a palavra que estava escrita na porta: "amer"

Aquela caligrafia, era da mãe, ela tinha certeza! Sua mãe havia escrito a palavra e colocado um espelho por cima? Por quê? O que significaria aquela mensagem? Anne pegou o diário outra vez e abrindo suas páginas, o colocou junto àquela palavra escrita na porta e comparou as letras. Era realmente a caligrafia de sua mãe!!

Por que ela teria escrito aquela palavra?

Ela fechou o livro ainda encostado na porta do armário e leu a frase completa: “miroir amer”

As dúvidas se dissiparam. Ela realmente precisaria ler aquele diário!!

“Querida filha Anne, espero que seja você que esteja lendo essas páginas. Não as entregarei agora para você porque espero estar enganada. Então, se chegar o dia em que você esteja de posse deste diário, então o espelho estará certo”

Mas o que poderiam significar essas palavras misteriosas? Uma charada? Um mistério tão grande que sua mãe o deixou gravado em palavras registradas para serem lidas só após sua morte?

“Estou indo devagar. Pouco a pouco minhas forças se despedem de mim. Os médicos dizem ser anemia porque sinto-me cansada, o ar que respiro parece desaparecer e sinto-me desorientada. Mas, não me sinto doente de verdade. Parece que algo me consome desde aquele dia.”

‘Aquele dia? Do que ela está falando?’ Anne estava cada vez mais intrigada.

“Era uma manhã de inverno quando ao entrar em casa, aquele homem que parecia vender pães em um tabuleiro me cumprimentou. Ele me disse: ‘Bom, dia! A senhorita mora nesta casa? Desejo boa sorte, mademoiselle!’ Anne começou a tremer. Seus lábios agora balbuciando as palavras escritas por sua mãe naquela frase. Eram as mesmas palavras do senhor que a cumprimentou naquela manhã.

Anne continua a leitura do diário. A próxima frase a deixou completamente em pânico:

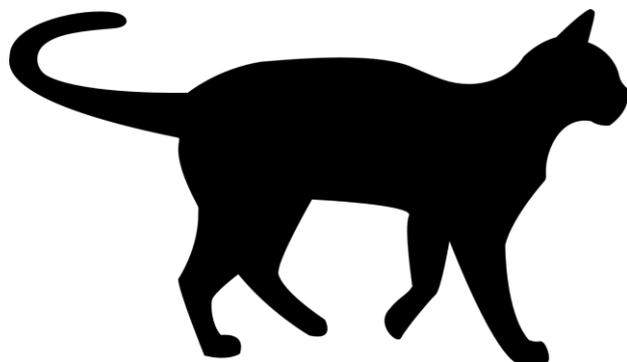
“Eu lhe respondi: au revoir e tentei entrar em casa rapidamente, mas cortei minha mão no trinco do pequeno portão do jardim.” Este poderia ter sido um incidente comum, sem nenhuma consequência. Mas a partir desse dia comecei a adoecer aos olhos de todos. Sempre pálida e sem forças a enviei para morar com sua tia e a todos dei a justificativa que não queria que você testemunhasse sua mãe definhando. O que eu queria mesmo era que a minha Anne nunca encontrasse aquele homem. Eu também não voltei a encontra-lo, a não ser no dia em que olhei pela última vez a janela do meu quarto e ele estava outra vez sob a neve a me olhar com aquela expressão melancólica como se estivesse esperando por mim. Estou cansada, querida Anne. Talvez não veja a noite chegar. Adeus.

P.S.: Eu o vi pela janela do quarto hoje.”

Anne estava transtornada. Uma terrível sensação de estar presa àquele que parecia ser um amargo espelho de recordações de sua mãe a deixou cansada. Estava se sentindo sem forças para levantar, mas algo a atraía de uma forma irresistível para...a janela! Sim...A janela do quarto! Precisava abrir aquela janela e deixar o medo ir embora! Tudo isso é apenas uma terrível coincidência, claro!

Quase sem forças, a arrastar-se pelo chão, Anne conseguiu chegar até a janela. Havia uma cortina pesada que a separava da vidraça da janela. Anne agarrou as pernas do móvel sob a janela, uma pequena mesinha sobre a qual havia um vaso com jasmims ressecados, as flores preferidas de sua mãe. Ergueu-se com muito esforço enquanto sua mente desejava apenas olhar a rua vazia defronte da sua casa. Ela puxou as cortinas para o lado e seu olhar mergulhou até a calçada.

Sim, lá estava ele. Aquele estranho transeunte escrito no amargo espelho da sua alma!



**POEMA**

*A Visita*  
**POR BIANCA CARVALHO**

**22 anos, estudante de química, apaixonada por ciência.**



Volta e meia, ela está em minha porta  
Eu a expulso, mas ela sempre volta  
Digo-lhe "*Vá embora, não a quero agora*"  
Mas volta e meia ela está em minha porta

Eu, sádica, atrevo-me a espiá-la pelo vão da fechadura  
Sua tez cintilava na calada da noite escura  
Sim, à noite - é quando ela vem.  
Assombra-me quando estou sozinha, sem ninguém

Outrora, quando eu, fraca, supliquei  
*"Leve-me contigo, por favor"* implorei com avidez  
Desdenhou de meu pedido, negou-me seu abrigo  
E o que a faz voltar agora? Juro, eu não sei

Está aqui, novamente, pronta para me tentar  
Alimenta minh'alma com as promessas que me dá  
Onze e meia em minha porta querendo adentrar  
*"Não a quero, vá embora, não a deixarei entrar"*

Na rude tentativa de permanecer sã  
Fito as brechas da janela esperando o amanhã  
Este que talvez nunca chegue outra vez para mim  
Com a Morte em minha porta, me espreitando assim

Sim, eis ela! Eis minha lúgubre visita  
Visita voraz, que acolhe, que abriga  
Aquele a qual, para outrem, a chegada irrita  
Para mim, a Morte, é como uma velha amiga

*"Em breve, eu sei, iremos nos encontrar  
Pelo acaso, pela doença, pelos pulsos que vou cortar  
No entanto, entenda, ponha-se no meu lugar  
Pela primeira vez na vida quero a vida desfrutar"*

Mas a Morte é instigante, ela sabe provocar  
É o mistério mais sabido que ninguém ousa desvendar  
Seus sussurros solenes assemelham-se à canções de ninar  
*"Você está cansada e devastada, não precisa mais tentar"*

Ao prelúdio da madrugada, minha força se esvai  
O cálido convite da Morte me alicia e me atrai  
Toco a gélida maçaneta, abro a porta devagar  
Estou cansada e devastada, não preciso mais tentar.

CONTO

# *Quando Doc Apareceu*

POR PABLO KASCHNER

O carioca Pablo Kaschner, 38 anos, é roteirista, jornalista e flamenguista. Tem pós-graduação em Artes da Escrita pela Universidade Nova de Lisboa e atualmente cursa mestrado em Memória Social na Unirio, onde desenvolve pesquisa sobre os limites do humor. Paralelamente, desenvolve projetos de roteiro, dramaturgia e literatura. É autor dos livros "Chaves de um Sucesso", "Seu Madruga - Vila e Obra" e "Só 30 contos", além de ter participado de coletâneas literárias.



**E**ra uma sexta-feira 13 de um ano qualquer de minha agora já longínqua infância. Mal havia me mudado para aquela vizinhança e já havia me enturmado com uma galera da pesada. Não éramos muitos, mas fazíamos barulho: eu, o Tonho, o Bigodinho — não porque tivesse bigodes, mas porque era filho do Bigode, assim todos o chamavam — e o Zé Preto, mais escuro que noite de lua nova, e que, não por acaso, sempre levava vantagem nos pique-escondes noturnos.

Gostávamos de três coisas naquela vida: soltar pipa, jogar bola e pregar peças. Valia de tudo para dar um susto em alguém, e quando não havia esse alguém, dávamos sustos uns nos outros mesmo. O importante era não perder a piada e a cara de apavorado da vítima, daquelas imagens que guardamos para a posteridade.

Zé Preto era o mais forte de nós, embora não tivesse muita consciência sobre sua própria força. Era também um pereba de marca maior. Foi então que um chute do Zé Preto mudou para sempre a minha história. O petardo, tão forte quanto sem direção, fez a bola zunir para além do muro que fazia as vezes de baliza. E todos, menos eu, sabiam muito bem o que havia do outro lado daquele muro. Talvez por isso tenham estranhado minha total falta de cerimônia em pulá-lo e ir buscar a bola no... cemitério.

Logo eu, que nunca havia estado em um, agora estava ali, no lar definitivo de tantas almas penadas. Mas, para surpresa de todos — e talvez até a minha própria — não sentia medo. Pelo contrário, perpassava-me uma curiosa sensação de familiaridade. Sentia-me em casa e só pensava em resgatar a redonda para que continuássemos nossa brincadeira.

Tonho, Zé Preto e Bigodinho, no entanto, não pareciam lá muito preocupados com a continuação da pelada, pois mal eu pulara o muro e não se ouviu mais um pio dos três. Um silêncio sepulcral se instalou — e até que fazia algum sentido, eu pensava. Agora já não havia turma, só tumbas.

Estranho.

Embora minha missão fosse recuperar a bola, eu prestava mais atenção nos nomes gravados das placas metálicas. Caminhei entre Agathas e Arthurs, até que um objeto me chamou a atenção: uma resma que estava sobre um túmulo. Observei que parecia recém-folheada. Senti uma brisa na nuca e olhei de soslaio, até que um calafrio percorreu toda a extensão de minha espinha. O motivo? Uma voz soturna e rouca que reverberou atrás de mim:

— Então foi você?

Neste exato momento, como que por geração espontânea, brotou em minha testa uma gota de suor. E nem fazia calor. Seria alguma pegadinha do Bigodinho? Ah, se fosse... Mas a voz parecia ser de um velho. Nem o Tonho, que era um pouco mais velho, conseguiria fazer aquele grave. Ele continuou:

— Será que não se respeita mais nem o sono eterno?

Agora já se podia dizer que eu estava petrificado de pavor. Não que fosse ato de coragem, simplesmente não consegui fazer nada diferente que não fosse me virar na direção de onde vinha a tal voz. Um velho, metido em um sobretudo preto, erguia a bola, como um troféu. Tinha mãos enrugadas e assustadoramente grandes. Ou grandes e assustadoramente enrugadas.

— Isto te pertence? — disse o velho.

Só pude gaguejar algo.

— Que... Quem é você?

— Não importa! Já não sou mais aquele que fui um dia.

— Ah, sim. As... as pessoas mudam com o passar do tempo...

— Não!!

— Claro que não. As pessoas não mudam com o tempo — quem era eu para discordar de algo ali?

— O que quero dizer é que já não sou mais. Você está em um cemitério, esqueceu?

— Quer dizer que...

— Exatamente.

— Mas... quem é você?

— Meu nome? É isso o que você quer saber?

— Pode ser — e o tremor em minha voz entregava que estava prestes a borrar minhas calças curtas de moleque.

— Está na minha lápide. Já sabe ler, garoto?

— Sim.

— Então o que você lê aí?

Percorri com os olhos a placa metálica, ainda incrédulo com tudo o que me acontecia.

— Edgar Allan Poe??

— Já ouviu falar de mim?

— Gosto muito dos seus livros!

— Percebo que o garoto tem gosto refinado — e um sorriso na modesto escapou-lhe do canto da boca.

— Mas... como é que você veio parar aqui, no Rio de Janeiro?

— Tens noção do que é uma família ter que sobreviver às custas de direitos autorais de um escritor? Os cemitérios nos Estados Unidos estavam ficando pela hora da morte, e daí acharam por bem me transferir aqui pro... pro...

— São João Batista.

— Isso.

— E esse papel aí em cima do seu túmulo?

— É um conto. Acabei de escrever. Quer ler?

— Bem... tá meio escuro aqui, né?

— Ah sim. Verdade.

— Mas que bom que a paixão de escrever não morre nunca — eu tentava aparentar alguma naturalidade, embora fosse um péssimo ator.

— Paixão uma pinoia, o nome disso é subsistência mesmo!

Eu não sabia o que era subsistência, mas concordei. Ele prosseguiu.

— Aquela história de “passar dessa pra melhor” é a maior balela do mundo dos vivos. Do lado de cá, a gente tem que matar um leão por dia pra tirar um trocado.

— Poxa...

— Mas não se lamenta por mim. No frigar dos ovos, não é tao ruim assim. E de mais a mais, eu já tinha alguma prática com escrita. Só não pensava em me tornar ghost writer — e riu.

Nesta hora, lamentei as tantas aulas de inglês que eu tirava para dormir, porque deve ter sido de fato uma piada engraçada. Mesmo sem entendê-la, não quis ser deselegante a ponto de deixá-lo rir sozinho.

Terminada a risada, um silêncio se instalou. Então, Edgar Allan Poe estendeu-me o braço, entregando seus manuscritos.

— Leve com você este conto. Guarde como recordação do nosso encontro.

Antes que eu pusesse as mãos em seus escritos, no entanto, ele me alertou:

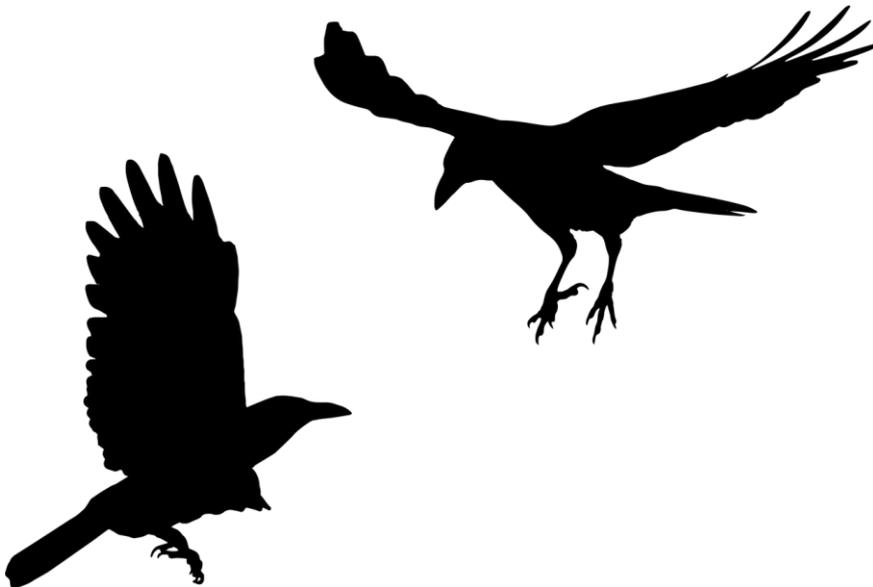
— Com uma condição: terás a incumbência de publicá-lo. Combinado?

Embora eu não fizesse a menor ideia do que significasse “incumbência”, aceitei sem pestanejar. O conto estava agora em minhas mãos, e eu desconfiava que também o destino daquele literato. Faltaram-me palavras. Só consegui dizer algo como:

— Uau, que incrível! Ninguém vai acreditar quando eu contar que estive aqui com você.

— Posso apostar que não. Tome.

E, com aquelas mãos enormes e enrugadas, passou-me a bola.



## POEMA

# *O Enterro*

POR DAVID EHRLICH

**David Ehrlich nasceu na Alemanha em 1996, e vive em Curitiba desde os três anos de idade. Leitor voraz e fascinado pela escrita desde que aprendeu essa arte, é graduado de Jornalismo (UFPR) e especializado em Narrativas Visuais (UTFPR). Trabalha como trainee na Associação Paranaense de Imprensa (API) e é também redator freelancer pela Rock Content. Já teve diversos contos, poemas e crônicas publicados na internet e em antologias físicas e virtuais.**



Deixem-me contar-lhes,  
Evitando alguns detalhes,  
Um fato estranho,  
Sem achincalhes.

No dia em que enterrei  
A mulher que já tanto amei,  
Grande foi a dor,  
Porém não chorei.

Eu não aceitava  
Que agora não habitava  
Sua alma vivaz  
Tal pele alva.

Foi um dia longo,  
Em que o som de um pernilongo,  
Tal o silêncio,  
Soa qual gongo.

Enfim me disseram,  
E por fim me convenceram,  
A dizer adeus,  
E espaço deram.

Assim, estava só  
Quando vi em seu rosto um pó.  
Aproximei-me  
E fiquei com dó.

Passando-lhe os dedos,

Confiando-lhe segredos,  
Limpei o rosto  
Sem quaisquer medos.

Então aproveitei  
E sua mão firme segurei,  
Despedindo-me  
De quem adorei...

E senti uma pressão  
Respondendo à da minha mão,  
Segurando-a  
Em compreensão.

Fiquei assustado  
E deixei a mão de lado,  
Mas ao me acalmar  
Tinha passado.

Sua mão era morta,  
Não responde ou reconforta.  
Se foi loucura,  
Não mais importa.



CONTO

# *Paça às Bruxas*

POR RODRIGO ORTIZ VINHOLO

**Publicitário, jornalista, professor, escritor e pessoa estranha, Rodrigo Ortiz Vinholo mora em São Paulo/SP. Autor dos livros "Você Está em Seu Quarto" (2014), "A 17ª Visita" (2016), "Dito Pelo Não Dito" (2017), mais "O Corpo" (2017, Lendari), "Sinônimo de Rancor" (2018), "Os Dias em que Rubia Viveu no Futuro" (2019, Lendari), "33" (2020, Casa Literária) e "Poemas Chatos para Pessoas Ruins" (2020, Darda Editora). Organizou e/ou participou na organização das antologias "Espaço Restrito" (MODO/Veleiro), "Simulacro & Simulação" (Lendari), "Dos Mortos" (Lendari) e "Quando Eles Despertam" (Delirium), entre outras. Coleciona participações em antologias de diversas editoras e compartilha semanalmente todo tipo de texto no Facebook e em blogs pessoais.**



**S**e você pudesse ouvir os gritos que corriam pelas ruas da cidade, teria certeza de que estava no século errado. Como gritavam! Como era intensa a fúria dos moradores daquele lugar que um dia havia sido pacato, comum, e talvez até um pouco chato!

— Mate a bruxa! — urravam, em coro, enquanto carregavam todo tipo de arma, real ou improvisada. De pistolas a pedaços de pau, passando por machados, facas, serras e, evidentemente, tochas. Nada como a demonstração de força e fúria que apenas o fogo parece trazer para essas situações de descontrole.

Note, ainda, que ninguém falava em “prendam”, ou “detenham”, ou “julguem”. Não, aquela multidão, morando em um país que sequer tinha pena de morte, já haviam atribuído para si toda a autoridade possível e um pouco além. Eram o braço da lei, o juiz, o júri, e mal podiam esperar para serem os executores.

Eu estava no meio, naturalmente. Eu não gritava, nem carregava qualquer arma, mas eu caminhava em meio aos revoltosos e, para eles, não fazia diferença. Bastava que eu seguisse na mesma direção para que pensassem que eu era um deles, que também corria em meu sangue o mesmo ódio. Eu era mais um número que ajudava a sentir que tinham razão, pois esse é o poder dos grupos.

Claro, muitos ali sequer pareciam notar as pessoas ao redor. Já estavam em um estado de transcendência, se alimentando de visões de violência futura e da promessa do cheiro de sangue que, em conjunto, chamavam de “justiça.” Ah, a beleza de um linchamento é a incapacidade de raciocínio. Tendo-se motivação, armas e disposição, que importa o resto?

O destino do grupo era certo. Sabiam onde aquela que acusavam de bruxaria morava. Era uma casa antiga, onde ela morava só. A história real era que se tratava da herança de sua tia, uma idosa falecida havia pouco tempo, conhecida na comunidade. A história em que aquela turba acreditava era um pouco diferente.

Para aqueles que gritavam e levantavam armas, a bruxa havia assassinado aquela pobre senhora, tomado sua casa, e passado a fingir que era sua sobrinha. De acordo com eles, era tudo parte de seu plano para se infiltrar na comunidade e corroê-la aos poucos, de dentro para fora.

Esse, claro, não era o único motivo. Quando encontraram algumas cabeças de gado mortas de maneiras incomuns, a história que optaram por acreditar foi na de um ritual macabro, em vez do ataque por animais selvagens que os corpos sugeriam. Quando a filha do prefeito adoeceu, preferiram acreditar que era um feitiço, mesmo considerando que havia outras crianças menos notórias doentes, e que após um tratamento rápido, todos se curaram e não tiveram sequelas.

Eu poderia listar uma coleção de outros incidentes, aqui, mas prefiro manter a brevidade. Tudo que você que lê este relato precisa saber é que fui eu o responsável por tudo. Não, óbvio que não causei doenças, nem matei os animais, ou a idosa, mas as sementes das histórias foram plantadas por mim. Boatos, evidências circunstanciais, tudo posicionado de modo que o povo descontrolado pensasse que havia chegado àquelas conclusões por conta própria, que elas eram evidentes e, acima de tudo, que quem não pensasse do mesmo modo era ignorante ou mal-intencionado.

Quando cheguei à frente da casa da bruxa que jamais havia sido bruxa, um destacamento do grupo enfurecido tentava forçar os muros e o portão. Outro, em um lote vazio do outro lado da rua, preparava uma pilha de madeira, palha e tudo mais que pudessem encontrar que queimasse, bem como um grande poste de onde amarrariam a inimiga do povo. Todos os outros, a maioria, ocupavam a rua repetindo os mesmos gritos e

levantando armas, sentindo-se como forças da justiça, ainda que apenas pela concordância com o que acreditassem que ela fosse.

O melhor desse tipo de manipulação é que as verdades que as pessoas querem acreditar se tornam auto-evidentes. Se a acusada apresentar motivos para que acreditem em sua inocência, é claro que está mentindo. Se alguém a defender, isso é sinal de um conluio. Nem se fala se a imprensa, ou até as autoridades ficarem do seu lado: o argumento, aqui, é que eles que são os manipuladores, criminosos e defensores de valores deturpados.

O trabalho de parecer que o mal está prosperando sem que ninguém o impeça, inclusive, é fato importante. As pessoas só chegam a esse ponto de quererem um linchamento quando se sentem suficientemente frustradas. Pensam quem ninguém fará, se elas não fizerem e, mais, que terão tanto prazer em fazer, se sentirão tão justificadas e vingadas, que seria um desperdício deixarem para outra pessoa.

Se eu faço meu trabalho bem, como fiz desta vez, mesmo as autoridades ficam do lado do linchamento, fazendo vista grossa ou colaborando efetivamente, à revelia das leis. “A voz do povo”, dizem alguns políticos, chegando mesmo a levantarem armas.

Mas é claro que há um segredo para se iniciar um movimento de tais dimensões. O senso de comunidade é vital. Ou ainda, é muito mais o senso “do outro”. Há uma distinção. A maioria das pessoas não tem iniciativa ou força de vontade o suficiente para tomar uma atitude absurda, nem que isso pareça saudável ou necessário para a comunidade. Eles precisam ver, ou ao menos pensar, que há outras pessoas fazendo a mesma coisa.

Revoltas não são agendadas. Elas são uma receita cuidadosa de sentimentos, ressentimentos e crenças. Quando tudo já está construído, o que preciso é espalhar para um grupo que há outro grupo se organizando. E para outro grupo, passo a informação sobre esse primeiro. E as pessoas, por conta própria, passam a espalhar tais informações. Em algum ponto, a multidão está formada e ninguém tem certeza como começou, mas sempre parecerá para eles que começou em outro lugar, e que se tornaram parte de algo maior.

Andar em meio a um grupo pronto para um linchamento é uma experiência quase espiritual. Há uma eletricidade que toma o corpo, você vibra junto deles, e é necessário um esforço consciente para não gritar palavras de ordem, como se o próprio som te conduzisse. Mesmo o feiticeiro pode se tornar vítima do feitiço, por assim dizer, se não tomar cuidado. Mas eu mantenho minha consciência, para testemunhar meu feito.

Há uma peculiaridade que surge nesses momentos. Se você se voltar os olhos para o povo, e não para os pontos em que toda turba se foca, poderá encontrar lampejos de consciência em alguns dos participantes. Por vezes é uma mudança no olhar, ou uma redução da voz, ou mesmo uma imobilidade. É possível ver as pessoas como se acordassem de um sonho, e se lembrassem do absurdo que estavam vivendo. Elas olham ao redor, enchendo-se de desespero e culpa, e o mais normal é que se rendam novamente e esqueçam daquele momento, porque a força maior é a do que está ao redor.

Geralmente, essas pessoas têm uma esperança de que alguém as pare, que diga que são os outros que estão errados, e não elas, que subitamente vejam o absurdo daquilo. Ocasionalmente esses rostos se encontram na multidão e há o reconhecimento do horror mútuo. Há a esperança da fuga, da discordância e, se forem especialmente inspirados para atos heróicos, até mesmo o sonho de mudar aquela situação, de desistirem daquele assassinato sem sentido.

Mas raramente desistem, porque o poder do grupo é sempre maior e o coração humano é simples demais para resistir. Essas pessoas geralmente se encaram, enxergam o outro e com isso vem o terror da desconfiança, da morte certa, da impossibilidade de

fazer qualquer coisa que não matar a bruxa. E sempre é pior para elas, quando isso acontece, porque geralmente sobra a lembrança, posteriormente, de que estavam conscientes. Todos esses outros, que gritam e que irão matar o alvo da vez, raramente pensarão que cometeram um erro e, mesmo que um dia sejam convencidos disso, darão a si mesmos perdão por seus atos, dizendo que foram enganados, que não havia o que fazer, que fizeram o que sabiam, o que julgavam como certo.

Ah, mas esses conscientes! Eles são minha diversão! Eu procuro essas pessoas na multidão. Já me tornei profissional em localizá-las, e tiro um prazer sádico de confrontá-las. Muitas vezes finjo sentir o mesmo terror que elas. Faço com que tenham um espelho para todas as suas dúvidas, e até, por vezes, tento lhes dar esperança, somente para depois desaparecer no meio do grupo, deixando-as sós, amaldiçoadas para sempre por suas próprias consciências.

Mais recentemente, porém, descobri um novo tipo de tortura. É essa que, neste linchamento que relato, escolhi realizar.

Meu alvo era uma jovem. Seu rosto estava corado, seus cabelos longos despenteados. Até instantes antes ela gritava com os outros, odiava com eles, e então aquela clareza súbita surgiu e ela pareceu murchar, realmente diminuir, a vergonha, a culpa e a confusão minando seu espírito enquanto ela tentava entender como havia parado ali e se havia uma saída.

Eu as localizei e, quando elas me notou, comecei meu truque. Eu sorri e a encarei intensamente. Não era um sorriso de amizade, mas de um predador. É como se eu fosse um dos maníacos que a cercavam e voltasse minha fúria para ela.

Ela reagiu como geralmente acontece. Não conseguiu afastar os olhos dos meus, porque sabia que era uma presa, e que só conhecendo cada um dos meus movimentos tinha uma chance mínima de sobrevivência. Ela percebeu o que eu pensava, e sua consciência fez o resto. Até pouco tempo antes ela se achava uma predadora, mas se enganou, e então havia um predador de verdade a encarando.

Ela não poderia chamar atenção. Se gritasse por ajuda para os outros, era capaz que se tornasse outra das vítimas deles. Afinal, bastava eu gritar “bruxa!” e apontar o dedo. Ela sabia muito bem disso.

Eu comecei, então, a me aproximar. Já me acostumei a caminhar em meio à multidão. Meus passos têm técnica, treinamento. Eu caminhava de modo fluido, e isso aumentava o terror da jovem, envolvida por todos os lados por paredes de carne, ossos e fúria. O medo se tornando pânico e desespero, minhas risadas aumentando...

Um ruído, então, interrompeu nosso diálogo. Mesmo eu não resisti a virar minha cabeça para a frente do casarão, e ver que o portão havia finalmente cedido e era arrancado. O grupo da frente invadiu o quintal, e como uma onda se chocaram contra a porta e as janelas, que pouco resistiram à investida. Era questão de tempo.

Me voltei para onde a jovem estava e não a encontrei mais. Uma pena. Ou fugiu, ou foi tomada novamente pelo feitiço. Mas eu ainda teria minha diversão da noite.

Novos gritos irromperam do grupo de vanguarda da invasão. Penso ter ouvido um urro da vítima, da suposta bruxa, mas não tenho certeza. Quando se iniciou uma nova movimentação eles já traziam para fora um corpo sem vida, parcialmente esquartejado. O furor do linchamento foi grande demais, e nem conseguiram chegar a matá-la na fogueira. A bruxa estava morta, vida longa à bruxa!

Ainda assim, decidiram que não era o suficiente. E claro que não era, precisavam ainda de um espetáculo. Carregaram o pouco que restava do corpo em um bizarro cortejo em meio à multidão inquieta e, chegando ao poste, conseguiram amarrá-la e atear fogo, quase queimando uns aos outros no processo.

Como gritavam, comemoravam. Não falavam mais em justiça, ou sobre o que consideravam certo, puro e moral. Estavam incoerentes demais para tanto. A justificativa viria depois.

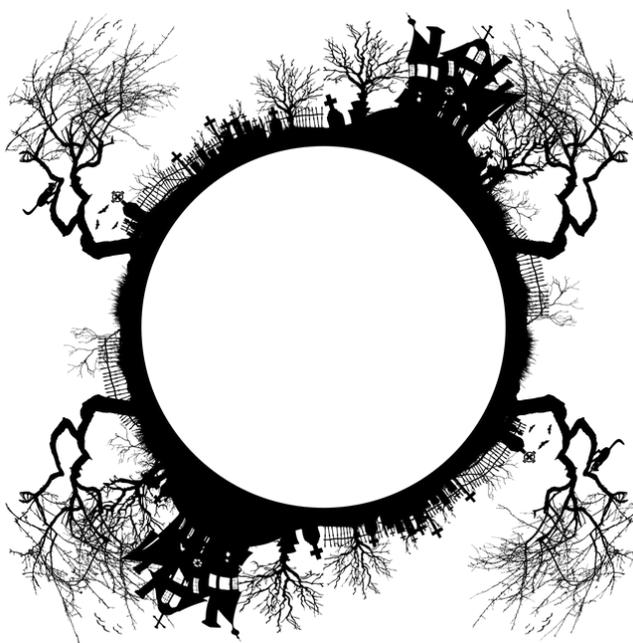
A bruxa estava morta e os festejos continuaram. A casa, antes considerada um objeto de roubo a ser recuperado, também foi destruída e depois incendiada. Aos poucos o grupo foi se dispersando, se acalmando e, só quando havia alguns poucos incontroláveis que as autoridades se envolveram.

Os próximos dias foram como um misto de ressaca e euforia. Havia o cansaço, a dúvida, mas junto com ela a certeza do bem cumprido e a esperança secreta de que o mal voltasse a surgir, para que pudessem outra vez linchar. As pessoas se encontravam nas ruas e não se reconheciam como quem eram no dia anterior.

Exceto a jovem. Tive a sorte de vê-la, à luz do dia, no centro da cidade. Eu comprava frutas, ela também. Ela me olhou com aquele mesmo pânico. Eu sorri, dessa vez com a cortesia amigável que se oferece a estranhos, desejei-lhe uma boa tarde e me virei, fingindo que não a conhecia. Era muito mais delicioso deixá-la com a dúvida. Ela jamais teria certeza se eu me lembrava daquele momento em que ela quase foi minha presa, jamais saberia se era mesmo eu aquele ser descontrolado, naquele mundo paralelo que só existe em um linchamento.

Nos dias que se passaram, eu voltei ao trabalho. Um novo alvo, uma nova bruxa. Aos poucos, voltei a semear. Não era a primeira vez, e nem seria a última.

Enquanto funcionar e, mais importante, enquanto me der prazer, nunca faltarão vítimas para meus planos, nem assassinos que possam me ajudar.



**POEMA**

# *Devaneio?*

**POR HENRIQUE CANANOSQUE NETO**

**Henrique Cananosque Neto é natural de Lins/SP; professor, escritor, poeta, psicólogo, músico, e dançarino de salão (hobby). Formado em Letras (FAL – 2001), Conservatório de Tatuí – Flauta Doce (2010), Psicologia (Salesiano – 2016), MBA em RH (Unilins – 2017). Participa de Antologias Literárias desde 2009. Redes Sociais – Facebook: @professorhenriquetec.neto; Instagram/Twitter/Snapchat: @hcananosque.**



Na escuridão da noite  
Sem lua, sem luz  
Sonhos, pesadelos  
Receios, arrepios  
Calafrios, cala... frio, frio, frio

De onde veio o medo?  
Será que veio?  
Veio?  
Ou já estava ali?

Onde começa?  
Onde termina?  
Termina?  
A fuga... a correria...  
O silêncio... a perseguição...  
Termina?



**POEMA**

*Tempo é o que tens  
de melhor*

**POR ANAEL SANTALUCIA**

**Anael Santalucia, professora, residente em São José do Rio Preto, escrevo contos e poemas, já publiquei alguns em revistas digitais e antologias de editoras como Iluminare, Revista Subversa, Revista Raimundo.**



Vinda de nuvens brancas,  
entra pela sacada.  
Olhos de sinfonia,  
canta, ante a mim, estática:  
*“Tempo: é o que tens de melhor!”*

Em meio à dislexia,  
revolvo a ideia inesperada.  
Nua, sem escudo ou espada,  
deixo que me atinja, à revelia  
a ode enviada dos céus.

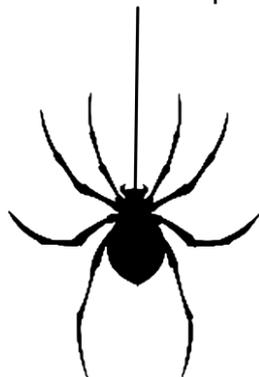
Em tempos de pouco espanto  
não temo ou renego a mensagem,  
tampouco questiono o Santo  
que ocultou, sabiamente, a imagem.

A ave de boa vontade  
não repete tal corvo de Poe,  
nem faz de si mesmo o mentor.  
Concede-me olhar amoroso  
e retorna, silente, à eternidade.

O que farei com isso agora?  
Como mudar os conceitos,  
incinerar as certezas,  
abandonar tais anseios  
que disparam a bomba no peito?

Sou balão inflado ao extremo  
com ares de pássaro morto,  
projeto mil voos incertos...  
Mas tudo o que tenho é o agora,  
folha branca num livro aberto.

O Ser, que tão gentilmente,  
viagou à materialidade  
nas asas, mensagem tão clara  
lançou-me de volta ao presente,  
escorrendo dos dedos pra sempre.



CONTO

# *O Voo das Moscas*

POR CÉSAR RIBEIRO

**César Ribeiro nasceu em Salvador, capital da Bahia, no ano de 1988. Durante sua adolescência, teve seu primeiro contato com o gênero Slasher através da franquia cinematográfica Scream de Wes Craven, que veio a se tornar seu diretor de cinema preferido. Na literatura, encontrou em Stephen King o prazer em ler sobre o vasto universo do horror. Ambos foram essenciais para o seu início no universo da escrita. Se formou em Biomedicina, obtendo título de mestre na mesma área. Foi durante as pesquisas de mestrado que transformou a escrita em habito passando a trabalhar a criatividade em obras originais, com atenção para o terror político e social. Este ano, teve os seus primeiros contos publicados pela Cartola Editora e pelo Grupo Lendari. É apaixonado pela obra de Edgar Allan Poe; sofre de Courofobia, mas não dispensa um bom livro sobre palhaços. Atualmente vive em Aracaju, no estado de Sergipe.**



**E** aquele pequeno corpo, estranho a outros olhos, repousa tua leveza em parte de mim que jaz adormecida e incapacitada por algo que me ocorrera. E ali permanece, me fazendo companhia enquanto outras, ainda tímidas, se aproximam.

Dentre todos os aspectos associados as capacidades motoras dos animais, a que mais me fascina, e com o perfeito embasamento proporcionado por minha profissão de biólogo, é justamente o percorrer do espaço, vagando no vazio não sólido do que há acima da terra. O voo dos animais é um sistema que aguça a mente humana desde os primórdios. O ato de desafiar a lei da gravidade, e percorrer tudo sob um ponto de vista privilegiado, é algo que inspira até os mais antigos dos filósofos. Não preciso nem relatar que tal capacidade permitira ao homem desejar imitar as destrezas dos pássaros e assim encontraram seu próprio meio de retirar os pés do chão, causando uma ruptura no que, até então, parecia utópico. E a beleza das asas metálicas possuem lá sua relevância, afinal demonstra a capacidade do homem racional de subverter as leis da natureza. Se a mente, por si só, é capaz de voar além de mundos, por que não transformar tal ato em algo mecânico e palpável? O problema, claro, não estava em desempenhar tamanha façanha e sim a forma quase invejosa que a almejavam.

Apesar de toda a *savoir-faire* atual, nada consegue ser superior a beleza do voo daqueles que já nascem com tal competência encrustada na sua espiral de vida. E dentre distintas e perfeitas técnicas de atravessar os céus, uma em particular me é mais singular, pois pertence a uma classe em que por natureza é destratada pelos homens por causar tamanha repulsa. O voo das moscas.

Ramificando minha formação pelas raízes da biologia, me solidifiquei na entomologia. Fiz do estudo dos insetos o meu abrigo especial e no atual momento de minha carreira, estendo tais raízes, perfurando ainda mais a densa camada do conhecimento, no grupo Díptera. Há, para mim, uma especiosidade naquilo que é asco para os demais. Afinal, é fácil contemplar a maestria de algo quando a sua estética é aceita perante a sociedade; e tal reprodução quando feita por um ser fora do padrão, acaba por ser sumariamente escanteado.

Claro que há, dentre o grupo destes insetos de olhos facetados, aqueles que causam malefícios à saúde do homem, mas o problema está em acreditar que tal conceito é geral. A mesma mente humana que tem a capacidade de alcançar o espaço acima dos céus, é

incapaz de perceber as sutilezas que compõem o mundo; preferem, quando lhes é conveniente, ignorar os fatos e transformar o gênero da pluralidade em algo ínfimo e banal. Não à toa, enclausuram-se nas crisálidas da ignorância e metamorfozizam-se em criaturas mais danosas do que a mais letal das pragas. É nocivo, afinal dentre as moscas há àquelas que, por exemplo mais claro, desempenham atividade de controle biológico. Sendo assim, tais pensamentos não passam de puro obscurantismo.

Foi um ato nefasto, provocado pela ira interna do mais perverso desafeto, acolhido pelo obscurantismo já citado, que me encontrei preso em uma das experiências mais assustadoras de minha existência. Durante nosso debate acalorado, em que eu partira em defesa das pequenas criaturas, sucedeu-se a sua covardia na maior tranquilidade, acobertada pela moradia em que eu estava instalado e que o recebia com cordialidade.

Rememorando o ato, enquanto acompanho o saciar das moscas, que lançam suas salivas digestivas para amolecer a minha carne machucada, percebo algumas questões que permitem clarear um pouco mais a minha ideia.

Eu, de nome Carlos Eusébio, pertencente ao mais alto escalão da universidade, membro do corpo de Doutores com pós-doutorado, fui confrontado pela incredulidade do homem que em tudo me desafiava. Ele, conhecido por Senhor Encrenca, compunha a parte referente as pesquisas genéticas da universidade. Algo nele soava egoísta e dono da verdade. Não aceitava que a minha tese sobre o uso de *Drosophilas* como carreadoras de material genético alterado, que provocaria uma possível modificação em suas estruturas celulares, capazes de impedir o carregamento de bactérias em suas patas, fosse algo viável. Argumentava que eu deveria parar de bancar o Thomas Hunt Morgan, pois jamais teria sua brilhante habilidade em manipular tais animais.

Claro que me fiz presente e argumentei, dentro do que me era permitido, sem revelar maiores detalhes, sobre a possível capacidade que eu mesmo me incumbira. Afinal, é assim que pesquisadores trabalham, com probabilidades, e não com a credence humana como fator primordial. Duvidar é um dom que foi nos dado para ampliar nossas mentes e não limitar nossas visões. Ainda assim, ele se mostrou irredutível e em um diálogo repleto de pronomes pessoais, compreendi que o que mais o chateava era a minha área de atuação. Não queria outro homem estudando algo que ele acreditava ser de seu domínio privado.

Em um momento de distração, golpeou-me com um pesado microscópio — objeto que eu possuía em meu lar, para auxiliar em alguns trabalhos mais simples — e me fez

rodopiar com a brutalidade do impacto concentrado na região da minha coluna cervical. O último aspecto que vi, enquanto despencava rumo ao solo, foram seus olhos me julgarem de cima, com a prepotência de um ser baixo e vil. Algo em seu olhar afirmava que o seu desejo em se livrar da concorrência, não era mais meramente especulação de minha parte; mas também havia algo naquele olhar que emanava repulsa pela minha pessoa em particular. Nada mais senti, até o meu despertar; e foi exatamente aí que o meu pesadelo tomou proporções doloridas diante do intenso pavor que causava à minha mente, já que o meu corpo não mais funcionava.

Percebi que me encontro em um estado de completa paralisia, do pescoço para baixo, há poucos momentos. De algum modo obscuro e desconhecido, meu inimigo me transportara e depositara, o que ele acreditava ser o meu cadáver, em uma vala qualquer. Acontece que estou vivo e perdido dentro de uma espécie de matagal.

As moscas, que já se alimentaram dos ferimentos proporcionados pelas beliscadas de outros animais, ergueram seus corpos e sumiram entre a vegetação densa. Os meus cabelos estão encharcados por algo que eu acredito se tratar do meu próprio fluido vital. Embora consiga ter maleabilidade do pescoço, é extremamente dolorido movê-lo por menor que seja a direção. Assim, permito-me explorar o que os meus olhos alcançam enquanto os movo em angulações circulares.

Minha cabeça é levemente erguida por um pequeno monte de terra macia, enquanto o resto do meu corpo repousa sobre uma íngreme depressão. Se não fosse o mato que envolve parte de meus membros, eu provavelmente rolaria até o fim do buraco e a depender de como chegasse ao local, poderia parar com a face voltada para baixo o que me sufocaria. Sendo assim, consigo ter uma boa visão da minha coxa direita que tivera boa parte de sua carne arrancada.

A imagem é impactante, jamais havia observado o interior do meu próprio corpo com tamanha vivacidade. A agonia, muito provavelmente, remexia todo o meu interno de maneira bruta, pois sinto que um líquido luta para sair por minha boca. Não querendo sufocar com a espessa massa que se projeta, inclino o pescoço, mesmo sofrendo com a dor excruciante, para o lado e permito que o fluxo seja absorvido pela terra já úmida. Cedo ao lapso temporal que a partir deste ponto, faz parte de maneira constante.

Já não me restam mais esperanças de sobreviver e o que me conforta é a falta de sensações táteis, assim a dor não me faz companhia. Evidente que a mente, em sua atividade constante, dava um jeito de me lembrar que o horror visual também é algo

excruciante para o ser humano. Jamais imaginei que pudesse compreender tamanho sentimento desconhecido. Imaginar os provocadores de minha degradação carnal, consumirem-me a matéria enquanto processo tudo na parte que ainda recebe os impulsos elétricos.

Não há beleza na decadência humana, porém há na morte um sentimento de conforto, principalmente diante da situação tão lastimosa que me encontro. Logo eu, o homem que apreciava a beleza onde os demais sempre rejeitavam. Afinal, não são as larvas, que eclodiram dos ovos, que me devoram a carne exposta? Não são elas que, daqui a alguns ciclos, darão vida ao que tanto me fascinou em vida? Sendo assim, eu faria parte da peculiaridade harmoniosa que o ciclo representa. Ora, como não sinto dores, há forma melhor de partir? Haveria, se o medo não encontrasse sempre uma forma de nos surpreender.

Enquanto desvio o olhar, das larvas que agora transmutam-se em pupas, outro ser arrasta a sua existência para somar-se ao banquete. Os olhos de uma fera faminta me avalia com atenção enquanto arranca alguns dos meus dedos dos pés. Vejo, apreensivo, aquele animal peludo sacudir o meu membro como se eu fosse um pedaço de trapo esfarrapado. Me consome de duas formas. Sacia a sua fome e alimenta o meu terror.

Aqui a brutalidade é tamanha que prefiro evitar e passo a encarar o que sobrevoa a minha cabeça. Não tenho muito tempo, ou a criatura me consumirá por inteiro, ou morrerei ao perder grandes quantidades de sangue. No alto, outra fera espreita enquanto rasga as nuvens em voos perfeitos. Os sons da mastigação invadem os meus ouvidos e embora eu me concentre no alto, é inevitável. Estou sendo devorado vivo. A mente entorpecida pela fraqueza de meu corpo permiti-me apreciar mais um escuro, um desligamento, mental.

No último sopro que me resta, aprisionado à minha fina existência, desperto apenas para contemplar a maior das belezas. As pupas agora eram belos exemplares de varejeiras, desfilando seus corpos verdes metálicos pelo ambiente que me cerca. Assomam-se diante de minha face, como se desejassem que me prendesse a dança que realizam. O que restara de mim, do pescoço para baixo, já não era mais importante. Pus-me a refletir sobre uma última questão, antes de aceitar meu destino.

Somos produto da perfeição da natureza, nada nasce se não tiver que regressar. Habitamos o planeta e ocupamos nosso cargo na existência orgânica para deixar nossos traços mais relevantes. De minha parte, contribuí o máximo, que me foi permitido, para abrir os olhos das pessoas que tanto se cegavam. Para mim foi bastante produtivo, para

outros, não passariam de pedaços ambulantes de carnes. Eu vivi e produzi. Outros, apenas existiram.

Amparo-me diante de tamanha perfeição, as leves criaturas arrastam-me até que eu possa me desprender do peso da perversidade humana terrena. Assim, lancei minhas asas, elevando todo meu plasma, em direção aos céus. Voei, comprovando que a imponência deste ato, também me acompanharia pelas estradas do outro mundo.



POEMA

# *Memórias Sepulcrais*

POR MARCUS HEMERLY

**Marcus Hemerly nasceu em Cachoeiro de Itapemirim/ES, em 1989. Formado em Direito, é Autor da obra "Verso e Prosa: Excertos de Acertos" e coautor em antologias poéticas e de contos, gravitando em torno do terror e policial. Membro de academias literárias, recebeu prêmios e comendas. É Doutor Honoris Causa em Literatura e Cavaleiro Comendador da Soberana Ordem da Coroa de Gotland, conferida pela Casa Real e Imperial dos Godos de Oriente.**

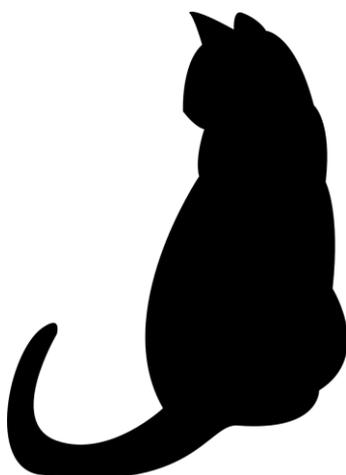


Do alto da abóbada de meu jazigo,  
Contemplo em devaneio espectral,  
A hora de não mais estar comigo,  
Imerso na eterna névoa abissal.

Despedida da carne em tom onírico,  
Que apodrece defenestrada do viver,  
Existência relegada num esgar satírico,  
Afaga lúdico o extinguir de meu sofrer.

Da tumba que emana o fogo-fátuo, eis!  
O despojo que os vermes agora alimenta,  
Em sua mente viva de poeta criou reis,  
Que não mais coroam sua finda tormenta.

Sem memória, sem resquício de passado,  
Resta o desvendar de pútrido mistério,  
Não o entoar das trombetas em som alado,  
Mas o jazer esquecido no ventre do cemitério.



**POEMA**

# *Nas Sombras de Sintra*

**POR SUSANA GEADAS**

Licenciada em Turismo e Gestão Hoteleira, sempre foi uma leitora ávida, no entanto, só aos 38 anos é que resolveu enveredar pelo mundo da escrita. Logo percebeu que apesar de ter inspiração e imaginação, precisava buscar as ferramentas necessárias para uma escritora. Então, fez vários cursos de escrita e ainda continua aprimorando o seu estilo, o que lhe permite percorrer vários caminhos entre a literatura luso-brasileira. Aprecia ler e escrever em todos os géneros, embora uns lhe sejam mais confortáveis do que outros. Tem vários contos publicados no Wattpad, Inkitt e Google Books além de participações em antologias de contos e poética. Participou da antologia poética "Eu, Ela, Nós Mulheres", produzida pelo grupo Mulheres & Poemas, assim como das antologias (In)Cômodos — Onde o mal habita, Por Trás das Máscaras e As Faces do Amor produzidas pela Sociedade de Autores Literários.



Sintra assombrada,  
Terra de lendas e de mitos.  
Em uma intrigante caminhada,  
Capaz de provocar suspiros e gritos.

A névoa engole a serra de Sintra,  
Varre a passagem, tolda a mente...  
Sinuosa e sinistra,  
Vem descendo qual serpente.

Muros musgosos adornam o caminho,  
Flanqueados de árvores grandes e frondosas.  
O vento traz o murmurinho  
De vidas passadas, difíceis e penosas.

Os sons da noite abraçam os passos.  
O cantar dos mochos serve de melodia,  
Os ramos na noite parecem braços,  
Dançando cheios de rebeldia.

Quintas e casas palaciais  
Espreitam na escuridão.  
Seus espectros observam dos beirais  
Lugar onde nunca haverá solidão.

Histórias de assombrações  
E de assassinatos misteriosos.  
Ritos satânicos... comoções,  
Que deixam rastros tortuosos.

Percursos sussurrantes e temerários,  
Entre escadas e respiradouros,  
Foram feitos pelos templários,  
Aqui habitaram junto aos mouros.

Almas que vagueiam  
Só por alguns avistadas.  
Rodas de charretes nas calçadas golpeiam.  
Dizem ser por fantasmas guiadas.

O cocheiro vem de cartola,  
Como nos tempos antigos.

Traz à cintura a pistola  
Para usar contra os inimigos.

No velho hospital, então,  
Um bispo, encontraram.  
Mumificado no seu cadeirão,  
Por trás de uma parede o desvelaram.

No Palácio Nacional,  
Choro de crianças e gritos.  
Ali encontraram o seu final  
Das inalações de fumos... aflitos.

Na Quinta do Relógio,  
Escravos foram feitos cativos.  
Ali jaz o necrológio  
Daqueles seus donos opressivos.

Uma casa está por vender,  
Cheio de relatos de turistas.  
As fotografias vão surpreender:  
Focos de luz cegam as vistas.

Quem a quis comprar  
Teve sonhos com rituais,  
Nem foi preciso ponderar,  
A casa continua nos anais.

Estas são algumas das histórias  
Que por aqui são contadas.  
Ficam cravadas nas memórias  
Para sempre na mente, sepultadas.

De dia bela e vibrante;  
De noite, assustadora;  
Para muitos é amante.  
Sintra, a cidade tentadora.



**CONTO**

# *Os Dentes Para Berenice*

**POR TITO PRATES  
(AUTOR CONVIDADO)**

**54 anos. Mora em Jandira, SP. Escritor de policial e terror. Autor de livros publicados pela Amazon e outras editoras, além de contos premiados publicados em mais de 20 antologias.**

**É Embaixador Brasileiro de Agatha Christie Ltd. desde 2014, tendo escrito a primeira biografia da autora originalmente em língua portuguesa e autorizada por seu neto. Presidente da ABERST – Associação Brasileira dos Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror.**



— **C**hegou mais um, *dotô*!

O Dr. Porfírio Aguirre levantou os olhos do teclado aonde digitava mais um de seus laudos de perícia necroscópica. Eram no mínimo oito ou nove por dia, ali no Instituto Oscar Freire, o IML central da cidade de São Paulo. Pacientemente, Porfírio sorriu e parou o que fazia, perguntando:

— Diga, Seu Argemiro, o que houve agora.

— Chegou mais um, *dotô* — repetiu o técnico. — Eu disse que iria chegar. Que nem o caso daquele maníaco do dedo rosa, eu avisei que ia ter mais e teve. Agora, com esse aí já é o terceiro que chega. E eu tinha avisado que ia chegar. E vai chegar ainda mais, pode ter certeza — dizendo, isso, Argemiro pegou uma toalha de papel do toalheiro ao lado da pia do escritório do legista e secou o suor que brotava da testa.

Independente de frio ou calor, Argemiro sempre estava com a testa suando, os olhos esbugalhados que se arregalavam quando contava esses casos e parecendo ter dificuldade de deslocar o corpo por trás de sua enorme barriga. Era o técnico mais antigo e respeitado do IML, além de trabalhar em laboratórios de anatomia de faculdades respeitadas. Porfírio mesmo estudara em uma aonde ele era funcionário. Já passara há muito tempo da idade de se aposentar, mas parecia não querer fazer isso tão cedo.

Respeitando a sempre certa opinião do técnico, apesar de seu exagero e alarmismo corriqueiro, Porfírio decidiu rapidamente saber mais detalhes do caso.

— Calma, Seu Argemiro, ainda não sei do que o senhor está falando.

— Daqueles desdentados que chegaram aqui! Um na semana passada e outro no outro mês. Quando vi o segundo, eu disse que ia ter mais e agora chegou. Tá lá na mesa, *dotô*! — respondeu com os olhos quase fora das órbitas, ao mesmo tempo meio feliz de ter acertado a previsão.

Apesar da profissão, do estudo avançado, de conviver com pessoas cultas e falar corretamente, Argemiro jamais conseguira falar a palavra “doutor”, mas se revelara muito hábil nessas opiniões fatalistas sobre corpos que iriam chegar.

— Alguém já pegou o caso?

— O *dotô* Artêmio já chegou para o turno dele, vai fazer. Eu já tô saindo, com o senhor, mas achei melhor vir avisar, como o senhor fez os outros dois.

— Você acha melhor eu conduzir a necrópsia? Por causa dos outros? — Porfírio olhou para o relógio em dúvida. Ainda faltava quarenta minutos para o final do seu turno e ele queria ir para casa encontrar Paola, sua namorada, mas percebeu certa urgência na voz do técnico.

— Se o senhor falar com o *dotô* Artemio, acho que ele passa o caso. Eu não me importo de atrasar. Eu ajudo e o senhor pode ir embora logo, eu fecho o corpo para o senhor.

— Está bem, Argemiro, vamos ver o que temos lá — suspirou Porfírio, abandonando o laudo para o dia seguinte, junto com esse que iria fazer agora.

No grande salão de trabalho com paredes azulejadas de branco e cheiro de sangue coagulado e morte permanentes, misturados aos dos inúmeros e fortes produtos químicos de desinfecção usados para limpeza, um grande corpo, maior do que qualquer uma das muitas mesas de aço inoxidável, se destacava. Foi para ele que Argemiro se direcionou.

Os olhos clínicos de Porfírio rapidamente fizeram uma avaliação preliminar. Sobre a mesa estava o corpo de um homem preto de quase dois metros de altura, com enorme musculatura muito definida. Era bem jovem e não havia nenhum sinal de violência, ou ferimento, que pudesse indicar a causa da morte. Também não havia nenhum sinal de morte por overdose.

Acostumado a manter silêncio para não influenciar as deliberações do médico, Argemiro virou de lado, com uma facilidade incrível, o corpo que devia pesar quase cem quilos e expos as costas do rapaz para Porfírio. Nada que pudesse indicar a causa da morte ali, também.

Ainda em silêncio, Argemiro reposicionou o cadáver e, ajeitando a cabeça sobre o toco de apoio metálico, abriu, cuidadosamente, os lábios grossos e fortes do rapaz.

Porfírio viu que todos os dentes faltavam, com exceção dos terceiros molares, ou dentes do siso. Aquilo era curioso, pois os outros dois corpos estavam sem dente nenhum. Ambos eram jovens também.

Porfírio procedeu o restante do exame e, conforme combinado, Argemiro ficou suturando o corpo enquanto ele retornava para sua sala. Já estava um pouco atrasado, mas achou melhor terminar de fazer o que surgiu em seus pensamentos, enquanto analisava o corpo. Pegou o telefone e ligou para o laboratório de perícia criminal do DHPP. Esperou um pouco, enquanto iam chamar quem ele indicou. Em seguida, ouviu uma voz forte e sonora do outro lado da linha.

— Porfírio, meu amigo, o que tem para mim hoje?

— Oi, Pacco. Bom ouvir você. Então... chegou um daqueles enigmas aqui que achei interessante avisar — Porfírio fez uma pausa breve, afastando da memória o caso do Museu do Crime, com suas vinte e duas mortes. — Semana passada atendi um caso — continuou — em que o corpo de uma oriental de vinte anos, que chegou sem nenhum dente, todos extraídos pouco antes da morte. A causa foi parada cardíaca por excesso de adrenalina do anestésico local. Achei estranho, mas os dentes eram todos tortos, dava para ver pela posição das raízes, e achei que a maluca havia resolvido extrair tudo e usar uma dentadura para corrigir. Deviam ser dentes grandes, pelo tamanho e profundidade das raízes, em uma arcada muito pequena. Havia presença de fortes opiáceos também e desconfiei que fora medicada com tranquilizante para a cirurgia.

— Você está me assustando — Pacco palpou os dentes do outro lado da linha, conferindo no espelho se estavam todos perfeitos.

— Sim, lembrei do seu sorriso arrasa quarteirão que encanta as garotas, mas esse não é o caso. Mês passado atendi outro caso igual. Um rapaz, loiro, alto, de dezessete anos, mas esse parecia ter os dentes tratados por um ortodontista e os terceiros molares

foram retirados por cirurgia, antes de erupcionarem. A osteogênese na região era compatível com procedimento feito dois anos antes.

— E agora... — perguntou Pacco, sabendo o que vinha a seguir.

— Outro jovem, negro, quase dois metros de altura, devia ser esportista, saúde perfeita. Sem nenhum dente, somente os do siso, em boa posição e erupcionados. Devia ter uns vinte anos. Pelo tamanho dele, tinha espaço para esses dentes do fundo, os siso, então estavam lá. Parada cardíaca, provavelmente, mas ainda não tenho resultado de exames. Havia um furo suspeito no alto da coxa, na parte posterior. Parecia uma injeção.

— Mas está apostando que será adrenalina do anestésico também. E se perguntando por que deixaram os últimos dentes do fundo dos dois lados, em cima e embaixo. Desconfia de alguma coisa?

— Não posso imaginar uma lógica para isso. Já chequei de onde vieram os corpos e cada um foi localizado em um lugar diferente da cidade. Os dois anteriores estavam desaparecidos e as famílias nem sabiam que tinham ido ao dentista.

— Como você sabe disso? — Pacco perguntou, sabendo que algo chamara a atenção de Porfírio.

— As exodontias, extrações, foram perfeitas e com técnica, não quebrou raiz nenhuma, nem fraturou osso. Foi um profissional bom, com experiência e instrumental para isso. Não foi um louco arrancando dentes com alicate a torto e a direito por causa de alguma tara.

— Um dentista serial-killer? Não pode ver dentes grandes? — perguntou Pacco, entre divertido e apavorado, olhando seus próprios dentes.

Se o garoto que estava na mesa de Porfírio era grande, tamanho não era problema para o assassino e Pacco poderia estar na mira do lunático.

— Fale com a Delegacia de Pessoas Desaparecidas, aí, e veja se descobre algo. Se for o caso, acione o Dr. Meireles para investigar.

— Obrigado pelo toque, irmão. Vou ver o que faço.

Desligando o telefone, Pacco levantou o metro e noventa da cadeira, ajeitou o topete de cabelos pretos, abriu o sorriso de covinhas e queixo quadrado com furinho no meio para o espelho e estremeceu, apesar dos dentes estarem todos lá, enormes, alinhados e brancos. Foi até Pessoas Desaparecidas e registrou a queixa. Voltou à sua sala, pegou o celular e mandou uma mensagem para Dra. Gladys, sua dentista:

“Olá, Dra. Gladys.

Sabe algum caso de dentista extraíndo todos os dentes, aleatoriamente, de pacientes jovens com dentes grandes? Em um deixou os dentes do siso. Obrigado.”

Instantes depois, recebeu a resposta:

“Oi Pacco. Sua revisão está chegando. Agende seu horário.

Não. Pode ser algum lunático que coleciona dentes para estudo anatômico, mas não sei de nada. Um professor meu que tinha consultório na Praça da Sé e tinha mais de dois milhões de dentes. Mas já se aposentou e encontrei ele de pijama no cemitério São

Paulo, sete da manhã. Ele tinha levado a esposa visitar o túmulo da sogra que ele tanto falava mal. Achei que era assombração...

Boca de 28 dentes, sem siso. Parece para prótese, mas usam dentes de estoque, feitos de acrílico. Usavam dentes de verdade no tempo do Geroge Washington, mas os dele eram esculpidos em marfim.”

Pacco riu, divertido, agradeceu e disse que marcaria horário. Foi olhar no mapa o local aonde encontraram os corpos, de acordo com os registros que Porfírio passou no seu e-mail. Formavam um triângulo de cerca de dez quilômetros um do outro. Bem ao centro estava o bairro de Santo Amaro. Havia muitas clínicas ali, difícil determinar algum suspeito.

As informações de Porfírio, cruzadas com o histórico dos outros dois corpos anteriores mostravam que o rapaz, a primeira vítima, morava distante, mas tomava ônibus no imenso terminal Santo Amaro. Já a garota oriental era da região. Não havia histórico, ainda, do rapaz que chegara ao IML hoje.

Sílvio, um novato do departamento do Dr. Meireles entrou na sala de Pacco nesse momento e o viu encarando o mapa. Ele adorava quebra-cabeças complicados.

— Procurando algum endereço? — perguntou, curioso.

— Sílvio! Você mesmo! Senta aí — Pacco empurrou o rapaz, muito mais baixo que ele, mas forte, para a cadeira, aonde ele meio que se esborrachou.

Pacco contou toda a história, que o novato ouviu de olhos muito abertos e respiração ofegante.

— O último corpo tem compleição atlética? — Sílvio perguntou ao fim do relato.

— Sim, Porfírio falou que é um cara bem grande.

— Vamos procurar algum clube, academia, centro de formação na região — Sílvio empurrou Pacco e sentou-se na frente do computador.

Olharam desanimados, pouco depois, a impressora vomitar uma lista imensa.

— Não ajudou muito... — falou Pacco.

— Espere — ordenou Sílvio, olhando a lista. — Escola de balé... Não deve ser, o último é muito grande e muito musculoso, pelo que disse o Porfírio... — riscou alguns endereços. — Academias femininas... Natação... Veja! — Ele havia reduzido a lista a metade, mas ainda era muita coisa. — Eu apostaria nesses centros especializados em formação de atletas — mostrou quatro endereços.

Pacco olhou o relógio.

— Depressa, Silvio, ligue para esses enquanto eu ligo para esses aqui.

Quinze minutos depois, tinham a informação que um atleta semi-profissional de um dos centros combinava com a descrição da última vítima e estava faltando aos treinos há três dias.

Não foi difícil para Sílvio, analisando as câmeras do Terminal Santo Amaro localizar o garoto enorme, três dias antes, sendo abordado por um homem vestindo branco.

Dois dias depois, já com a identidade da última vítima, Sílvio entregou ao Dr. Meireles um relatório dos movimentos das três vítimas. Todos se concentravam no Terminal Santo Amaro.

Pacco foi despachado para o local, de bermuda e camiseta regata, próximo ao horário em que as vítimas foram abordadas e já procurando um homem vestindo branco. No terceiro dia, conseguiram.

Um senhor, compatível com a imagem de vídeo que haviam localizado nas câmeras de segurança, se aproximou de Pacco, vestindo branco.

— Boa tarde, meu rapaz, eu sou o Dr. Venâncio. Sou cirurgião-dentista aqui perto e tenho uma cliente que está procurando alguém como você para uma campanha publicitária de dentifrício. Eles pagam pelo teste fotográfico. Se você se interessar, são quinhentos reais na hora, só ir até meu consultório amanhã, às vinte horas, que iremos fazer a seleção — falou, estendendo um cartão. Combinava totalmente com o indivíduo localizado por Sílvio nas imagens.

Pacco ajustou o cartão para que a câmera oculta em seu boné registrasse o endereço. Seu ponto eletrônico avisou que já haviam deslocado uma equipe para o local.

— Eu não sou daqui — falou Pacco para o dentista. — Estou de passagem, vou embora amanhã de tarde, Infelizmente, não poderei comparecer, apesar de me interessar muito pela proposta.

— Ora, então eu ligo para ela e vamos imediatamente! Você pode? — Dr. Venâncio mordera a isca.

Pacco abriu o imenso sorriso e disse que chegaria lá dentro de uma hora. Investigações policiais não são sempre tão felizes assim, muito pelo contrário, mas dessa vez tudo parecia ter dado certo.

Quando Pacco chegou ao endereço, uma outra policial disfarçada tentara entrar no consultório alegando uma emergência, mas fora despachada rapidamente pela secretária do dentista. Ele foi recebido pela moça, que disse se chamar Berenice. Era uma beldade de fazer o coração bobo de Pacco acelerar. Negra, um metro e oitenta, linda pele, lábios grandes, olhos amendoados e enormes, ligeiramente esverdeados, com cabelos muito encaracolados e brilhantes até os ombros. Os dentes eram grandes e brancos, mas a fala era ligeiramente sibilante, o que tornava sua conversa desagradável.

Pacco estava alerta para não beber nada, não aspirar nada e para qualquer tentativa de ser anestesiado por alguma agulha.

A beldade pediu que ele se sentasse e indicou uma poltrona. Pacco, sem entender bem por que, preferiu outra. Era seu instinto policial. Ela pareceu aborrecida.

— Você deve se sentar aqui! — falou, impaciente.

Foi interrompida pela campainha da porta.

— Já estamos fechados, o dentista já foi embora — Berenice falou para quem tocava a campainha, depois de abrir um vão da porta.

— Mas meu namorado está aí dentro, veio para uma seção de fotos!

Pacco empalideceu na poltrona, ouvindo a voz de Sílvio. O novato exagerara. Agora não teria chances com a beldade.

— Não pode ter nenhum acompanhante na sessão — esbravejou Berenice, sibilante.

— Ai se for sem-vergonhice! Nada de foto dele pelado! Vou ficar sentado aqui na porta até ele sair — decretou Sílvio.

Berenice percebeu que, qualquer que fosse o plano que ela e o dentista tinham, com alguém plantado na porta o anonimato do crime estava comprometido. Depois de hesitar, deixou Sílvio entrar.

Ele foi todo saltitante até Pacco e deu um beijo no canto de sua bochecha, de costas para Berenice, o que pareceu um beijo na boca. Pacco se encolheu.

— Amor, você vai passar fácil — disse, sentando-se na poltrona que Berenice indicara para Pacco.

— Não sente aí! — gritou a moça, mas era tarde demais.

Sílvio deu um pulo e um grito, esfregando a coxa.

— Alguma coisa me picou... — caiu no chão sem sentidos.

Berenice olhava o corpo do rapaz no chão, atônita. Pacco sacou a arma escondida no bolso grande da bermuda e ordenou que ela se sentasse na cadeira da mesa da recepção. Abriu a porta e cinco policiais entraram.

O dentista, Dr. Venâncio, tentara fugir pelos fundos, mas a idade não o permitiu pular o muro a tempo.

Três dias depois, Pacco, Sílvio, Argemiro, o Dr. Meireles e Porfírio se encontraram em frente ao DHPP.

— Era um caso triste e macabro — relatou Pacco. — A tal moça, Berenice, tinha algum problema de colágeno e perdeu todos os dentes saudáveis. Veja as fotos — empurrou duas fotos da moça, ainda quando tinha os dentes. Eram grandes e brancos, mais ou menos no mesmo formato dos de Pacco.

— Dr. Venâncio teve que fazer a extração dos que não caíram sozinhos, inteiros. Disse que nem precisou de instrumental, os dentes saíram com um leve puxão. Ele se compadeceu e se apaixonou pela linda mulher acometida por essa tragédia. Tentou mil próteses, mas os dentes artificiais nunca ficavam direito. Então resolveu comprar os dentes de alguém, mas ninguém com dentes saudáveis aceitou a proposta — completou Pacco.

— Então eles resolveram matar para consegui-los — deduziu Porfírio. — Mas um só não bastava? Nunca teriam sido descobertos...

— Você sabe que depois do primeiro crime, os outros ficam fáceis. Rompe-se a barreira da consciência humana — falou o Dr. Meireles.

— A primeira dentadura ficou boa, mas logo a gengiva cicatrizou e ela começou a soltar, por isso Berenice sibilava ao falar. Tiveram que fazer outra — disse Pacco.

— Com os dentes da japonesa — falou Sílvio. — Acho que ofereceram tratamento para ela, pois eram todos tortos, apesar de perfeitos. Alguma coisa saiu errada e não deu

certo. Aí precisaram de uma terceira vítima, seu garoto na mesa de necrópsia. — Apontou Argemiro.

— Realmente, macabro... Acertei novamente — falou Argemiro. — Mas porque mais dentes do Pacco?

— Em seis meses haveria a cicatrização total das extrações. Teriam que fazer outra prótese — explicou Porfírio. — Sua amiga acertou também, Pacco, dentaduras tem somente 28 dentes e não 32. Por isso deixaram os sisos da última vítima.

— Eu ia ficar sem nenhum — estremeceu, palpando as bochechas. — Tirei o siso cedo, estavam deitados.

— A conversa está boa, mas tenho dentista! — anunciou Sílvio, levantando-se.

— Não está com medo? — gracejou o Dr. Meireles.

— Estou com mais nojo — falou o novato. — Vou fazer uma limpeza e estou bochechando com antisséptico cada meia hora. Eu quase beijei a boca do Pacco!



# *Galeria de Arte*

**INSPIRADA NOS CONTOS DE EDGAR ALLAN POE**

**POR ADEMIR PASCALE**

**Paulista, escritor e ativista cultural. Criador e Editor da Revista Conexão Literatura (<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br>). Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Participou em mais de 40 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, Portugal e França. Criador e organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir). Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe" (Editora Selo Jovem) e autor convidado do livro "Aquela Casa" (Editora Verlides). Mantém o site: [www.edgarallanpoe.com.br](http://www.edgarallanpoe.com.br) em homenagem ao seu grande mestre.  
Contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)**



*A Máscara da Morte Rubra*



ARTE POR ADEMIR PASCALE

# *O Gato Preto*



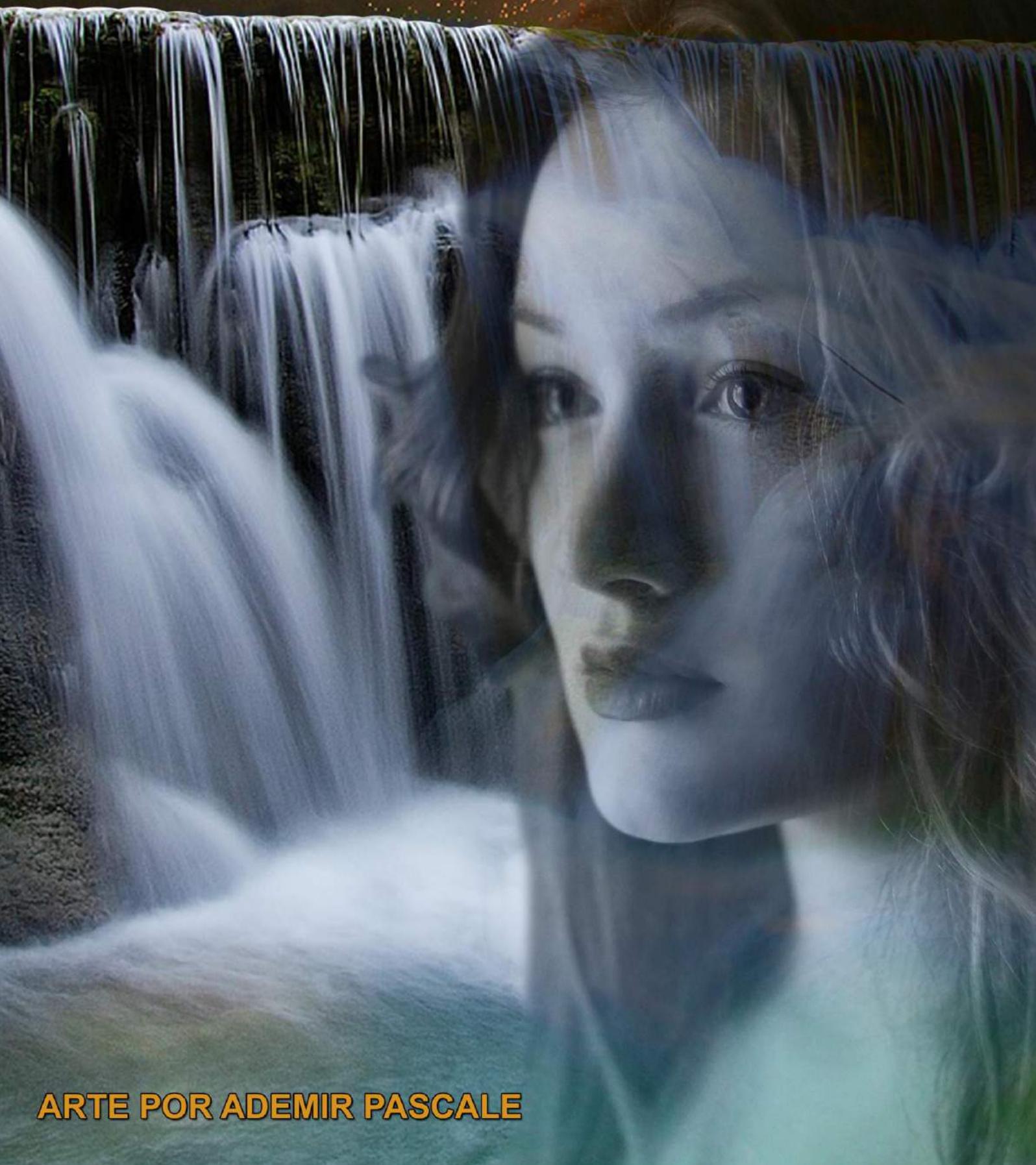
**ARTE POR ADEMIR PASCALE**

# O Corvo



ARTE POR ADEMIR PASCALE

*Annabel Lee*



**ARTE POR ADEMIR PASCALE**

# *A Queda da Casa de Usher*



**ARTE POR ADEMIR PASCALE**

*O Coração Revelador*



**ARTE POR ADEMIR PASCALE**

# *Menção Honrosa*

## **PARTICIPANTES DA ANTOLOGIA QUE RECEBERAM MENÇÃO HONROSA**

**Tatiane Nascimento - Maria da rosa espedaçada**  
**Edweine Loureiro - Após o Exorcismo**  
**Frida Karbstein - Entranha de carne e espinho**  
**Queli Carneiro Davanço - Amanda**  
**Priscila Moreira - Vermelho e Dourado**  
**Agnes Izumi Nagashima - A moça do livro**  
**Eliane Rodrigues - A praia do inferno**  
**Adilson Miguel Semedo Fernandes - Desenho Dum Fantasma Segundo Poe**  
**Thiago Fernandes - Devoradora de corações**  
**Rafael Brazil Alpiste - Os Manequins**  
**Andressa Santos - A garota aleijada**  
**Natália Marques - Estrela da Manhã**  
**Pedro Luis Vinas Machin e Rafaeli Cappellaro Kobren - A moça do retrato**  
**José Neves - Confissões**  
**Deni Maliska - O cadáver me disse**  
**Maurício Matos Cunha - O Caburé**  
**Wallacy Claudino Da Costa Franco - Turmionis**  
**Jorge Claudio Ribeiro - Nacional Jornal**





## **SITES**

[www.edgarallanpoe.com.br](http://www.edgarallanpoe.com.br)

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

## **REDES SOCIAIS**

[www.facebook.com/poesclub](http://www.facebook.com/poesclub)

[www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura)

[www.twitter.com/ademirpascale](http://www.twitter.com/ademirpascale)

[www.instagram.com/revistaconexaoliteratura](http://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)

## **E-MAIL**

[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

**2020**